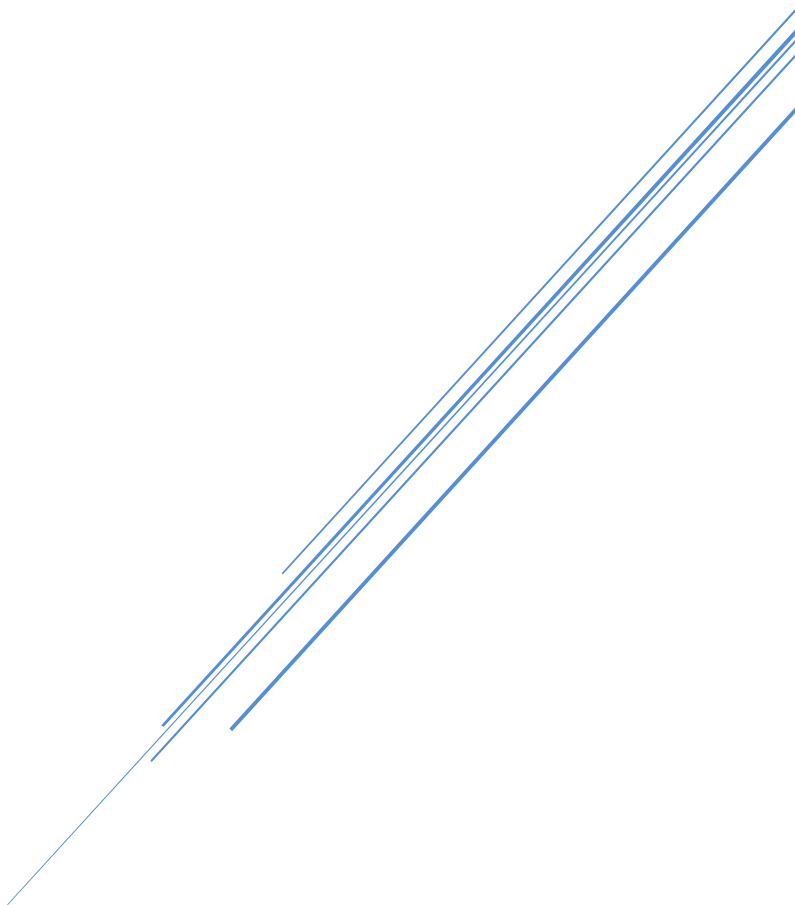


CAUSOS



Mario Tessari

CAUSOS

Mario Tessari

© Mario Tessari, 2026.

Mario Tessari

escreveu os textos e diagramou o livro.

Maria Elisa Ghisi

incentivou, leu, opinou, revisou e aprovou.

Contatos com o autor:

mariotessari@gmail.com

<http://livrosdomariotessari.wordpress.com/>

Sumário

5	NUVENS ANDARILHAS
6	MEDO SUPERADO PELA FÉ
8	DISTRAÇÕES
11	SUBORDINAÇÃO
13	CURSO DOS ALUNOS
15	REVÓLVER 38
19	ARQUEÓLOGO RENATO
22	FÉLIX APAIXONADO
24	CANHÃO DO SIRINEU
29	RECONTAGEM DE ÚTIMA TRAVESSIA.
32	INJEÇÃO NO TOURO
35	MAU-OLHADO
40	GALO VALENTE
41	SOVADO
43	ETERNO BEBÊ
48	CENTENÁRIO DE VIDA
49	ÁRVORE DE RUA
51	EXCESSO DE ENERGIA
53	HÉCTORA
57	O MARIDO DA ANGOLISTA
60	PIOLHENTO
62	OS BUGRES DA SANGA GRANDE
68	IRMÃOS NÃO-IRMÃOS
74	NOITADA CARIOCA
82	INSETO TRANSNACIONAL
85	ARMÉRICO VALENTONE
91	TUBA-NHARÕ

NUVENS ANDARILHAS

Denis cumpria pena por falta de pagamento da pensão alimentícia. Estava ali para ser reeducado, para aprender a viver como cidadão responsável que consegue emprego, casa e sustenta sua família. A liberdade foi tudo o que ele teve. Vivia pelas ruas de cabeça alta, contemplando nuvens, estrelas, lua, sol, cometas e aviões. Por isso, aproveitava todas as oportunidades para apreciar eventos celestes.

Os reeducandos aguardavam pelos momentos de ir para o pátio. Todos. Porém, com objetivos diversos: respirar melhor, conversar, fumar, exercitar os músculos, encontrar com amigos ou ... olhar para o céu. O céu era o infinito bom, com vento, sol, chuva, ... Havia outros infinitos, pessoais e intransferíveis: o tempo que demorava passar, a saudade, a incerteza, ...

Denis preferia uma procissão de nuvens, com seus desenhos enigmáticos e suas nuances de cores, entre o branco-carneirinho ao cinza-carvão. Vez em quando, um arco-íris produzia alegrias nos olhos dele. Era o que lhe bastava. Literalmente, estava ‘com a cabeça nas nuvens’.

31.01.2016

MEDO SUPERADO PELA FÉ

A ausência total de medo pode nos levar à imprudência, à negligência, à imperícia e aos acidentes. Por outro lado, o medo pode retardar e até impedir ações corriqueiras, normais, necessárias e úteis. O excesso de medo, então, pode gerar inoperância e até pânico. Buscar um espaço de equilíbrio dinâmico pode ser um modo de viver sem temores e sem ousadias.

Quando a T conheceu L, teve a certeza de que "esse será o homem de minha vida. Não posso perder essa chance de ter um companheiro calmo, seguro, tranquilo, confiável, com pensamentos positivos e trabalhador.

L e T haviam passado por relações decepcionantes, com pessoas relapsas e exploradoras. Quando T propôs casamento, L, dentro de seus princípios éticos de sinceridade e de lealdade, informou que havia passado por uma cirurgia quando tinha doze anos e que o médico disse: "Nunca mais você poderá ter filhos." Nesse sentido, o medo pode nos beneficiar.

Para T, a impossibilidade de ter filhos era apenas um detalhe diante da possibilidade de conviver com

L. Porém, à medida que 'o amor aumentava', T orava em segredo e "fez uma promessa pra engravidar". Deve ter orado com viva esperança de ser atendida, pois logo o volume do ventre anunciou a gravidez. A imensa alegria foi complementada com imensos cuidados gestacionais e com ainda mais louvações e rezas. "Deus vê e sabe tudo, até o mais íntimo dos pensamentos."

O importante está além do vigiar, o importante é o medo e a convicção que cada subalterno tenha de que é vigiado. "O oprimido intrometa o opressor." Paulo Freire Pouco importa onde esteja, o peão carrega consigo o medo do coronel. Além de G, o casal 'teve' J; a moça e o rapaz foram "uma benção de Deus"; o desejo vencendo o medo.

DISTRAÇÕES

Algumas teorias defendem que prestamos atenção às novidades, àquilo que queremos conhecer, ao que temos interesse imediato, ... Outras teorias afirmam que, depois de aprender e de dominar bem uma ação, um procedimento, um processo, nós passamos a executar automaticamente as tarefas aprendidas e repetidas, sem perceber que, inconscientemente, seguimos rotinas: nos deixamos levar pelo ‘piloto automático’.

Se, por um lado, durante a distração, economizamos tempo e liberamos nosso cérebro para tarefas mais importantes, por outro lado, estaremos à mercê de incidentes e de acidentes. Considerando que incidentes sejam apenas situações inadequadas ou ridículas e que acidentes sejam ocorrências imprevistas que causem problemas aos distraídos e aos acidentados.

Algumas distrações hilárias: vestir as calças no avesso ou ao contrário, sair para o trabalho com uma meia de cada cor, ir até o local de trabalho em dia de feriado, procurar por meia hora os óculos que está sobre o nariz, ... Porém, algumas distrações podem ser perigosas, como beber um líquido nocivo que estava em um copo ou em uma xícara, esquecer uma

panela vazia sobre o fogo, deixar a porta aberta à disposição dos ladrões, ...

Relato algumas situações que provocaram muitos risos...

Eu iniciava minha preparação para sair para o trabalho escolhendo roupas adequadas para aquela jornada. Procurava, escolhia e já ia vestindo. Menos as meias. Essas eu colocava sobre o ombro esquerdo, para vestir quando chegasse à porta de saída, antes de calçar os sapatos.

Na época em que atendia clientes no caixa de um banco, durante a manhã, notei que as pessoas me olhavam de modo estranho, entre curiosas e zombeteiras. Faltando uma hora para o horário de almoço, uma colega me perguntou se era simpatia. Simpatia? Que simpatia? “Esse par de meias sobre o ombro esquerdo.”

Lembrei, então, que, quando fui calçar os sapatos, passei a mão no ombro e não encontrei o par de meias e, resmungando, fui pegar outro no gaveteiro. O pior: caminhei impávido da minha casa até o local de trabalho... com um par de meias ao vento.

Tempos antes, meu colega de trabalho, Pedro Jorge Jensura, chegou para o trabalho reclamando da perna que tinha levado uma bolada no jogo de futebol da noite anterior. Passou a manhã pisando manco, andando em zigue-zague. Por certo, olhávamos pra cara dele e não para os pés. Pois, a Márcia Allage teve essa ideia e exclamou: “Deve ser moda agora andar com um sapato de cada cor.”

Aí, ele próprio olhou para os pés e certificou-se que – de fato – pisava, com o pé direito, num sapato preto de pouco salto e, com o pé esquerdo, num sapato marrom de salto médio.

Outra; por falta de autorização, essa sem mencionar o autor.

“Na época em que treinava aikidô eu costumava tomar banho no dojo, então levava a cueca samba-canção que usaria para dormir junto com o kit de banho. Houve uma manhã em que saí apressado por ter uma parada no meio caminho para o trabalho, então enfiei a cueca samba-canção, de microfibra e bem chamativa, no bolso traseiro da calça. Eu tinha de carregar uma caixa cheia de apetrechos que precisava devolver a uma amiga. Parei na casa dela, conversamos rapidamente, devolvi as coisas e fui para o trabalho. Lá chegando, bati o ponto, subi as escadas. Vi um colega no final do corredor, o Euler, fora do meu setor, fui até ele, cumprimentei, fiz uma gracinha com os pisantes novos que ele usava. Dei meia volta, segui para meu setor. Lá chegando meu colega Osmar me cumprimentou e comentou imediatamente sobre a peculiar peça de roupa que saía do meu bolso. Rapidamente capturei a cueca e coloquei dentro da minha gaveta, bem a tempo do Euler entrar esbaforido pela porta do meu setor. Pensa num homem decepcionado ao perceber que não havia mais cueca pendurada no meu bolso. Escapei por um triz das piadas. Melhor rir sozinho de si mesmo. ;)”

SUBORDINAÇÃO

A força dos animais está no corpo. Porém, os corpos dependem da mente para bem viver e para utilizar estratégias de sobrevivência, se for o caso. Porque um corpo forte comandado por uma mente doentia tende a adoecer. Ódios e mágoas corroem e envenenam; a alegria e a solidariedade geram energias positivas.

Falo de animais, de todos os animais. Observo as aves, as minhocas, os répteis, as pulgas, as baleias, ... e admiro a sabedoria com que se adaptam às condições ambientais e às mudanças internas e externas. Admiro e aprendo com todos os seres vivos, animais e plantas. Aprendo humildade e responsabilidade para com a Vida. Isso inclui evitar comportamentos tóxicos, nocivos para minhas saúdes (espírito, mente e corpo), para as amizades, para a comunidade, para o nicho ecológico, ... enfim, nocivos para 'meu mundo'.

Permiti que amigos usassem uma garnisé para chocar 'ovos especiais, caríssimos'. Logo que os pintinhos nasceram, os 'amigos' levaram os 'bens' de valor, bens de alto preço, 'preciosidades'... para eles...

A choca ficou desolada, entrou em depressão. Aquela garnisé branca foi a mais sensível da pequena família de galináceos. Quando os cães atacavam, ela entrava na nossa casa (e não na casa dela...) e subia as escadas para cozinha, se escondendo atrás dos vasos de flores, porque confiava em 'humanos', na nossa aparente lealdade. Lealdade que falhou quando esquecemos de praticar empatia, de nos colocar no lugar dela. Ela morreu de tristeza: afastada dos filhos, perdeu o apetite, a alegria cantante, a vontade de viver.

Falta ou excesso de amor, a soberba e a ilusão de controle sobre nós e, principalmente, sobre os outros, corroem nossas saúdes: saúde social, saúde psicológica, saúde mental, saúde emocional e ... saúde física.

Eu procuro escutar meu corpo, que diz do que necessita e informa quando erro. Nós dois – eu (minha mente) e meu corpo – dialogamos, aprendemos com as experiências e planejamos atividades de manutenção e de melhorias, dentro do que consideramos possível.

Se quisermos o impossível, as ilusões poderão nos arrastar para os abismos da prepotência e da vaidade. Se eu e meu corpo estivermos em desarmonia, nós dois sofreremos e sepultaremos preciosos momentos de vida num passado lamentável.

CURSO DOS ALUNOS

Cheguei ao local de trabalho às 06:50 horas e recebi o comunicado de que deveria ir imediatamente à sala da Chefia.

Como ‘apagador de incêndios’ da empresa naquela região, vez em quando era chamado para comparecer ‘imediatamente’. Fui informado que falecera o pai do meu colega Acácio, coordenador de equipe e instrutor do Centro de Formação Profissional. Naquele dia, ele deveria estar a cem quilômetros dali administrando uma etapa de um curso com gerentes de banco.

Soube, também, que ele não havia deixado nenhum material ou planejamento e que estava envolvido nos trâmites burocráticos para encaminhamento dos papéis para liberação do corpo do falecido.

E o meu serviço? “Já convocamos outro para contornar a situação. Amanhã, você resolve os problemas.” Sim senhor, Chefe. “Tá aqui o endereço.” Voltei para o carro e rumei para Itapema.

Cheguei e, pela algazarra, logo percebido onde os ‘alunos’ estavam esperando pelo Acácio.

- Ô, Tessari! O que tá fazendo aqui?
- Vocês estão bem alegres...
- É que o Acácio ainda não chegou...
- Durante a madrugada, faleceu o pai do Acácio.

- A gente não ficou sabendo...
- O que estava programado?
- Mais uma etapa do nosso trabalho.
- E por que vocês não estão trabalhando?

Me olharam com ar de surpresa e, aos poucos, foram silenciando e se encaminhando cabisbaixos para suas cadeiras escolares. Assumi o posto de observação e aguardei a atitude deles. Estavam confusos, se sentiam todos iguais, sem uma liderança que os conduzisse nas atividades programadas. Perguntei se eles tinham a agenda dos trabalhos; sim, o Acácio tinha enviado a todos. Perguntaram se eu sabia o que deveria ser feito. Não, eu não sabia.

– Mas, vocês podem fazer, pois sabem do que se trata, têm as informações e podem se organizar para a aprendizagem esperada.

Olharam uns pra os outros... Logo, um deles tomou a dianteira e propôs um roteiro de atividade aceito pelos demais. E, assim, dialogando e cooperando, passamos o dia 'letivo' alegres e animados.

Ao final da tarde, eles próprios conduziram a avaliação dos trabalhos e constataram que tinham sido 'professores de si mesmos', aprendido muito e poderiam assumir eventuais faltas 'do professor'.

- Fala pro Acácio como foi o curso – pediram.
- Não. Essa é outra tarefa da turma: no próximo encontro, relatar o bom desempenho dos 'alunos-instrutores'.

E assim se fez.

REVÓLVER 38

Morávamos em um vale servido por um arroio e por um rio, a seis quilômetros da vila: isolados no meio do mato. Alguns vizinhos moravam do outro lado do rio, porém, distantes uns dos outros para formarem conosco alguma estratégia de defesa no caso de seremos atacados.

Por isso, para defender a família, meu pai, Vitorino Tessari, comprou um revólver calibre 38, cano longo, niquelado e com cabo de madrepérola. Numa noite, acordei com ele sussurrando para minha mãe que havia alguém na varanda, forçando a janela para entrar. Ele foi para a cozinha com a arma ‘descarregada’ e um punhado de cartuchos para serem postos no tambor. Porém, meu pai se atrapalhou e os cartuchos caíram no assoalho, fazendo bastante barulho. Logo, escutamos alguém saindo correndo da varanda. Melhor que dar tiros...

Logo que ficou viúva, Anna Maria vendeu a bicicleta para arrecadar algum dinheiro. Mas, não vendeu o revólver, que ainda fez muitas histórias.

Meu pai morreu em março de 1962 e no dia 18 de setembro daquele ano, o Padre Nei, reitor do Seminário Diocesano de Lages, me mandou para casa “pra ajudar minha mãe”. Naqueles duros tempos, não

havia telefone em Ipoméia e minha mãe nem imaginava que eu chegaria naquela noite.

Chovia muito, o ônibus teve dificuldades para se manter na estrada, precisando ser empurrado pelos passageiros e atrasou bastante. Deveria passar em Ipoméia no final da tarde, mas, só chegou às 22:00 horas. Com minha mala de papelão, amassei barro pela estrada secundária, entrei na pequena varanda e bati na porta. Passados alguns minutos, escutei passos de alpargatas vindo até a porta.

“Quem é? – perguntou Anna Maria. E o bocó do filho dela respondeu “Sou eu.”, a invés de dizer o nome e explicar porque chegava tarde da noite e debaixo de chuva. Ela perguntou uma segunda vez e o menino repetiu a resposta. Óbvio que eu deveria ter me identificado e explicado que estava chegando de Lages e que o ônibus tinha atrasado. Depois de longos minutos, ouvi o estalo do trinco destravando a fechadura e vi o cano do revólver e a cara assustada de minha mãe espiando pela fresta da porta que ela entreabriu.

“Porque você não falou logo quem era?” “Deixe esses sapatos enlameados aí mesmo.” Entrei. Ela colocou o revólver sobre o banco ao lado da mesa e acendeu a querosene da lamparina. Depois, com a situação sob controle, fomos dormir.

Alguns anos depois, já morando na vila e ela trabalhando de servente na escola estadual, ocorreu

aquela estória do porquinho que ‘assustou com passos no sótão’.

Esse revólver pagou o mármore do túmulo de meu pai. Essa parte da estória. O Milton sabe os detalhes e completará esse texto.

Complementação do Milton:

Ainda no de 1962, antes do Mario voltar do seminário e morando onde hoje é a residência do tio Alcides e da tua Iolanda, ocorreu outro episódio envolvendo o dito revólver.

Certa noite, já bem tarde, começaram a ocorrer barulhos diferentes daqueles que estávamos acostumados, como se alguém estivesse forçando as paredes da casa e do porão. Nossa mãe interpelou quem era e como não houve resposta, se muniu de coragem e do revólver devidamente carregado, abriu um pouco a janela e disparou um tiro pro alto. Com o tiro, o barulho cessou e fomos dormir novamente. No dia seguinte, descobrimos a origem dos tais barulhos. Nada mais era que as ovelhas da Nonna, que de alguma forma conseguiram abrir o portão do cercado onde viviam, e, vendo-se desabrigadas, tentavam achar um lugar para se abrigarem durante o pernoite.

Noutra ocasião, já morando na vila, ao lado da escola, nossa mãe descobriu que havia um lagarto de olho no galinheiro, certamente achando uma boa fonte de alimentos. Como as galinhas e os ovos por elas produzidos eram muito importantes naqueles

tempos difíceis, mamãe pegou o revólver e da varanda fez mira no lagarto e atirou. O lagarto levou um baita susto e pelo que me lembro nunca voltou.

E para finalizar, como o túmulo em que o pai foi enterrado estava se deteriorando, ela como muito sacrifício, contratou a empresa de Videira que trabalhava no ramo de granito e o túmulo foi refeito. Ocorre que nesse meio tempo, nos mudaríamos para Canoinhas e, preocupada em não deixar dívidas pendentes, dona Anna Maria me encarregou de ir a Videira e verificar com o credor, já que o túmulo estava sendo pago em parcelas mensais, da possibilidade de quitação das parcelas restantes em troca do já famoso revólver 38. O homem, a princípio, ficou um pouco relutante, até mesmo porque ainda não tinha visto o tal revólver, mas acabou aceitando. Ficou combinado que eu retornaria a Videira para levar o dito.

Ela ficou satisfeita com a negociação e me encarregou de fazer a entrega do 38, já que trabalhava na escola ‘como condenada’ e não poderia se ausentar. Dias depois, retornei a Videira de trem, com o revólver dentro de uma pequena pasta escolar, branca ou quase isso, mais uma caixa de balas. Assim se encerrou minha convivência com o 38, sem nunca ter me passado pela cabeça, nos anos que estive a minha mercê, sabedor de onde estava guardado, de fazer uso dele para brincadeiras ou algo pior. Tinha na época somente 13 anos, se não estou equivocado.

ARQUEÓLOGO RENATO

O Renato ..., arqueólogo maior do nosso bairro rural, pesquisava e procurava vestígios de antigas habitações e de ferramentas dos povos que nos antecederam. Uma pessoa diferente, muito acima daqueles que “só queriam tirar vantagens”. A comunidade jaguarunense (a comunidade sul-catarinense, a comunidade brasileira e a Humanidade) perdeu muito ao dar pouco valor às ideias dele e ao voluntariado dele.

No meio de uma tarde da década de 2010, o Renato estacionou o carro em frente a nosso portão e me convocou: “Largue tudo e venha comigo.” Fui. Ele me levou para um chão de estrada onde a patrola tinha ‘descoberto’ uma ossada. (Descoberto nos dois sentidos, de encontrar e de retirar a camada de terra que cobria.)

Eu vi uma das mais importantes relíquias arqueológicas. Fiquei em silêncio solene, observando cada detalhe: ossada de uns 140 centímetros, em decúbito (deitado sobre as costas), tendo entre o tórax e o braço esquerdo um esqueleto de uma preguiça que tinha uma clava de pedra preta polida encravada no crânio dela (a patrola tinha danificado

a clava, a borduna ou o tacape, de uns trinta e cinco centímetros de comprimento e diâmetro de três ou quatro centímetros na base (empunhadura, que se pega com a mão) e de uns seis a oito centímetros na extremidade de bater) e com adornos e fragmentos de armas acomodados entre o tórax e o braço direito.

Entre os adornos, havia um pingente de pedra com três cores diferentes: um cristal de rocha polido, com uns sete ou oito centímetros de comprimento, de uma beleza natural. A patrola arrancou o topo da calota craniana, sem danificar o esqueleto do abdome aos pés.

O Renato me perguntou: “Será de índio? A quantos anos foi enterrado aqui?” Analisei os detalhes com as informações que lembrava das aulas de Antropologia no Curso de História e das muitas leituras sobre arqueologia. Comentei que deveria ter entre cinco e seis mil anos, devido à estatura e o cerimonial fúnebre, pois, a preguiça poderia representar alimento a caminho do céu. Era caça rotineira naquela época (animais dóceis e lentos foram exterminados antes), em que os humanos valorizavam pedras polidas. O Renato me considerou “louco”. No ano seguinte, arqueólogos da USP dataram os ossos em 5.800 anos.

Andamos pelos terrenos ao lado da estrada naquele trecho. Havia antigos muros de uma chácara com muitas árvores frutíferas mortas ou com apenas alguns pontos ainda vivos. Do lado norte da estrada, encontramos no chão várias sequências de pedras

brancas (cristais do tamanho de um ovo de galinha ou mais); formavam desenhos irregulares como que demarcando áreas cerimoniais. Óbvio que poderiam ter sido colocadas ali em época posterior.

Daquele local, se avistava a Lagoa Jaguaruna e indícios da cidade de Tubarão. Fiquei imaginando a fartura de peixes e de outros animais. Talvez, aquele povo antigo vivesse mais abaixo, próximo à lagoa. Lembrei também que a região de arrozais dali até Laguna foi baía, ou imenso lago de águas salgadas ou de águas salobras. Abaixo da ‘terra preta’, podem ser encontrados restos de animais marinhos. As “terras de arroz irrigado” são fertilíssimas, pois são formadas pelo acúmulo de terras depositadas durante as enchentes, como acontece nas margens dos rios Eufrates, Tigre (Mesopotâmia) e Nilo (Egito).

O Renato não conseguiu conter a alegria pelas descobertas e divulgou o achado. Estiveram ali funcionários de universidades da região e até do centro do País. Eles levaram embora a maioria dos itens coletados pelo Renato, alegando que seriam “patrimônio da Humanidade”. E o Museu de Jaguaruna? E o povo de Jaguaruna não faz parte da Humanidade? O Renato guardava em caixas de papelão muitos artefatos antigos; os ‘cientistas’ levaram tudo...

FÉLIX APAIXONADO

Félix passava a maior parte do tempo sentado no velho sofá da sala hipnotizado pelas imagens e pelo som da televisão. Os assuntos e os fatos eram sempre novos, porque ele esquecia tudo em minutos. Emocionava-se instantaneamente; esquecia imediatamente. Por isso, tudo era novidade. Até a aparição de um dos netos, que ele olhava com curiosidade, pois, na sua mente, não havia registros daquele personagem. Aliás, poderia ter, porém, o avô não encontrava os registros mnemônicos.

Passava horas babando pelos cantos da boca, agitado, excitado; as emoções estremeciam a velha carcaça a cada nova aparição feminina. As borrachas do sofá sofriam com os corpomotos, sismos intermitentes da tensão corporal. Esquecia do mundo. Aliás, de nada lembrava.

A esposa passava o dia em vigília. Preparava as refeições com um olho nas panelas e o outro no marido desmiolado. A mulher ia ao banheiro na correria, aproveitando os momentos em que ele estava encantado com alguma ninfa virtual. Até para atender quem batesse à porta, caminhava de ré, pois o caminho era mais estável que o pai de seus filhos.

Conceição – por ter concebido os filhos dele – prestava os serviços de esposa, de acompanhante e

de enfermeira, sem reclamar e, até, com certo humor. Inicialmente, sofreu ataques de ciúme, como os havia sofrido desde que casara e acompanhava as investidas do farmacêutico, especialmente, quando aplicava injeções nas nádegas de suas vizinhas.

Porém, logo tomou consciência de que Félix nem mesmo sabia o que fazia. Deixou de levar a sério as babações, os acenos e os beijinhos jogados para o aparelho de TV. Às vezes, Conceição entrava na brincadeira, sorria para ele, piscava malícias, jogava beijos e perguntava:

— Qué casá comigo?

E ele, com os olhos vertendo ternuras:

— Pode ser...

CANHÃO DO SIRINEU

Aos dez anos, o Sirineu ‘saiu de casa’, deixando para as seis irmãs dele a responsabilidade de cuidarem dos pais, dos parreirais e demais plantações, além de algumas vaquinhas magras e desanimadas. Foi para o seminário aperfeiçoar a alma através do estudo do Latim e de outras línguas mortas, da Matemática, da oratória, da música e do teatro, para se tornar digno do sacerdócio. E deve ter sido bem aplicado, pois, dos cento e sessenta e dois principiantes, foi o único a receber a ordenação. Porém, para adquirir o direito de rezar missas, enfrentou muitas dificuldades.

Nascido e criado nos pedrentos vales do oeste catarinense, sem conhecer alpargatas ou botinas, havia usado chinelas de couro cru apenas nas festas religiosas de maior importância. Por andar descalço sobre os seixos, as solas dos pés desenvolveram um cascão que amassava até espinhos e os dedos adquiriram a resistência necessária para enfrentar as normais topadas nas andanças e trabalhos diários.

Para ingressar no colégio religioso, recebeu o primeiro par de sapatos, confeccionados pelo rude sapateiro da vila, que, conhecendo o pé-duro, comentou:

— Só use os sapatos em ocasiões solenes ou na igreja, onde o enorme sacrifício será um louvor a deus.

E o seminarista seguiu o conselho. No mais, andava descalço ou com os pés metidos nas velhas chinelas de couro cru, o que pouca diferença fazia, pois eram tão sujas que ele continuava a pisar em terra.

Na segunda série ginásial, o Sirineu continuava a sorrir candura provinciana para todos e para tudo, mesmo que sofresse com apelidos e brincadeiras de mau gosto. Sorria superior à grosseria, ao conforto e ao calçado moderno. Entrava na sala de aula pisando as chinelas... que depositava sob a carteira, de onde eram recolhidas ao final das aulas. Sempre, extrovertido, sorrindo e se comportando com a inocência dos seres naturais.

Quando o padre, professor de Língua Portuguesa, foi transferido de repente, o reitor pediu para uma freira que suprisse temporariamente a ausência do mestre. Naqueles santos tempos, somente padres (nem todos másculos...) lecionavam para seminaristas. As freiras, responsáveis pela cozinha e pela lavanderia, permaneciam invisíveis, atrás de janelas e portas giratórias opacas, já que as mulheres – símbolos do pecado – poderiam pôr a perder as vocações sacerdotais.

Logo, a aparição de uma freira, mesmo que fosse velha e encarquilhada, por si só, já era fato extraordinário. O véu impedia de ver a cor dos cabelos, entretanto, as peles e o andar arrastado

poderiam comprovar a idade avançada. Enxergava bem; estava praticamente surda. Ela havia consumido a existência no ensino da Língua Pátria para meninas e moças noviças, candidatas à vida monástica; jamais lecionara para meninos, moços ou homens.

Na apresentação, o reitor não mencionou o nome dela; só reafirmava: “a nova professora”. Os alunos-seminaristas entenderam que ela seria a nova professora, mesmo não sendo uma professora nova. E mesmo que o reitor não tenha informado, eles concluíram que os ouvidos da ‘nova professora’ estavam falidos, pois ela se mantinha impassível diante da ladainha do ‘chefe’, reagindo apenas aos gestos e às mímicas. E, na primeira aula, recebeu um apelido.

Ela chegava à sala, lia cada nome da lista de alunos e, como surda convicta, aguardava que aqueles que estivessem presentes levantassem um braço para que ela pudesse conhecer ou reconhecer cada um dos ‘novos’ alunos. A seguir, escrevia na lousa as tarefas e os exercícios que cobrava com rigor. Na última linha, lembrava aos pupilos que as perguntas deveriam ser feitas por escrito.

Com autoridade, ela exigia disciplina. Isto é, que não saíssem de suas carteiras, que não andassem pela sala. Poderiam falar à vontade, poderiam até gritar. Todavia, sem sair do lugar. Se o olhar dela percebesse algum movimento individual ou se a turma se contorcesse em gargalhadas, ela soltava uns gritinhos e ordenava com energia:

— Meninas, silêncio!

Satisfeita com o controle exercido sobre a turma, abria o livro didático e convocava um aluno para iniciar a leitura, mantendo sempre o dedo magro e trêmulo sobre o nome até um momento imprevisto em que gritava:

— Cêga, menina.

Declamava um segundo nome e vendo alguém se levantar (nem sempre aquele que ela designava), emitia sua palavra de ordem:

— Continua.

Nem é preciso dizer que, para cumprir a ordem, bastava um dos alunos permanecer em pé, falando qualquer coisa, como, por exemplo, conversar com o colega ao lado, pois ela só observava se o pseudoleitor movia os lábios. Assim, a leitura de uma página durava uma aula inteira, ... sem ser lida.

Naquele dia, o Sirineu estava com os intestinos lotados de gases... que, vez em quando, alcançavam a liberdade... com ruídos e com odores bastante desagradáveis. Numa explosão mais proeminente, até a freira, surda consagrada, conseguiu ouvir o estrondo. Assustada, ela indagou:

— Que foi isso?

— O Sirineu soltou um canhão.

— O qué?

Repetiram, mas a professora Continua continuava sem entender e ficava cada vez mais exaltada. Apontaram na direção do réu e, como a turma caísse na gargalhada, exigiu por escrito a razão de tamanha bagunça. Reafirmaram por escrito

que o Sirineu soltara um canhão. Ao que ela sentenciou:

— Menina, traga aqui esse objeto.

Na carteira em frente a ele, o Adelar consertava uma bola de capotão, com as mãos trabalhando embaixo da carteira. Sugeriram que ele entregasse a bola para a freira. Ele não aceitou porque ‘a bola não era dele’. Além do que a freira notaria que o autor do trovão tinha sido outro. Queria mesmo era ver o canhão do Sirineu. Alguém disse para o ‘criminoso’:

— Leva uma chinela.

E ele, vermelho e chorando de tanto rir, foi andando com a chinela nas pontas dos dedos das duas mãos até à mesa sobre o estrado. Formavam uma imagem ridícula: o aluno risonho babando sobre a chinela imunda e rota, fedendo como nunca.

Enojada, a freira gritou:

— Isso é um canhão? Como você conseguiu soltar isso? Nunca mais solte canhão durante a aula.

Recontagem de ÚLTIMA TRAVESSIA

Ouvi como anedota. Entretanto, o cenário, o tema e a insolência para com o homem humilde provocaram em mim uma reação ética e uma reflexão filosófica.

Um barqueiro ganhava seu sustento transportando pessoas para a outra margem do imenso rio. Não havia pontes. Era o único meio de transporte disponível. Em geral, transportava pessoas conhecidas, moradores das redondezas ou alguém que queria visitar algum familiar que morava além da outra margem.

Porém, num final de tarde, um homem com aspecto muito diferente dos ribeirinhos contratou uma travessia. As roupas e a pasta demonstravam ser uma pessoa da cidade. Mais que isso, cheio de si, parecia orgulhoso, cheio de si, semostrador.

Logo que a canoa saiu do embarcadouro, perguntou:

- Você conhece a Grécia?
- Grécia? Ela mora por aqui?
- Não, não. Não é uma mulher. A Grécia é um país distante e muito importante, porque foi lá que

nasceu a Filosofia. Você deveria conhecer. Você não sabe o que está perdendo...

O humilde barqueiro baixou a cabeça. O objetivo dele era bem simples: levar pessoas de uma margem à outra.

- Você sabe Filosofia?

O barqueiro continuou remando, desinteressado dessa outra... possível ... Seria outra nação? Seria uma mulher? Uma cidade?

Mesmo entendendo o silêncio e percebendo a inutilidade de lições, o homem explicou:

- A Filosofia investiga os princípios, os fundamentos e as essências da realidade imanente. Você não sabe o que está perdendo...

O barqueiro nem deu ouvidos; permaneceu atento à força da correnteza e aos movimentos arriscados do passageiro que podiam jogar água pra dentro da embarcação.

- Você sabe por que o avião consegue voar?

Pobre homem!!! Nem sabia da existência de aviões... Via muitos pássaros voarem... Até as folhas secas voam levadas pelo vento ... Mas... avião... nem imaginava ...

- Não. Não sei, não.

- Você não sabe o que está perdendo...

O barqueiro se sentiu mais pobre ainda... Nada possuía e ainda estava perdendo muita coisa...

- Você já leu Lucas Visentini?

- Lucas, eu conheço. Mas, ler o Lucas... Lá isso eu não sei.

- Você não sabe o que está perdendo...

O homem estava mesmo espezinhando o seu transportador.

- Qual a voltagem da energia elétrica por aqui?

O barqueiro ficou ainda mais confuso. Energia, ele até sabia o que era... Voltagem? Seria a volta de alguém? De dona Elétrica, talvez... Tem cada nome por aí ...

- Nunca ouvi falar...

- Você não sabe o que está perdendo...

E assim, enquanto o barquinho singrava as turbulentas e agressivas águas do imenso rio, seguiu o desdenhoso interrogatório.

Além dos perigos naturais de se navegar a imensidão do rio em uma minúscula canoa, um iminente naufrágio ameaçava a vida de ambos, por causa da imprudência do passageiro.

No limite de sua paciência, o barqueiro perguntou agressivamente:

- O senhor sabe nadar?

- Nunca precisei aprender... – ironizou.

- Se continuar enchendo a igara de sabença e saracoteando sem parar, a canoa vai virar e o senhor vai perder tudo o que sabe. Até a própria vida.

INJEÇÃO NO TOURO

Em 2005 e 2006, morávamos na casa de madeira-de-lei, em frente à Estrada Geral da Sanga Grande, Jaguaruna SC. Nos intervalos entre os cursos que ministrava, eu preenchia relatórios no computador, junto da porta da sala para varanda.

Naquele dia, eu tentava me concentrar na tarefa, mas, os vizinhos estavam tentando vacinar um touro nelore, de uns nove ou dez anos, de corpo avantajado e fúria medonha.

A Dilcéia Rebelo comandava três homens (um deles era um filho do Sebastião e da Alcione Constante) e o Natalino Manoel Nunes (escondido atrás de uma pedra) criticava os quatro, porque "não sabiam fazer nada".

O touro estava 'palanqueado' no tronco de um cinamomo com três forquilhas, preso pelos chifres por três cordas, também. A ponta de uma das cordas estava amarrada em outra árvore e dois homens seguraram esticadas as outras duas cordas.

Saí para a varanda e fiquei olhando a ação da 'equipe' de vacinadores. Toda vez que um deles se aproximava, o touro dava pinotes e tinha as cordas.

Fui até lá para observar de perto. Uma seringa grande pendia na tala do pescoço do animal pelo lado direito (com a agulha invertida, rasgando o músculo). A dor que ele sentia vertia pelos olhos.

Quando jovem, eu trabalhei como vacinador nas ‘campanhas contra a febre aftosa’. Sabia que quanto maior o bovino, mais fácil de lidar e, ao contrário, quanto menor o bezerro, mais arisco, irritadiço e imprevisível seria.

Pedi que todos se afastassem e mantive contato visual com o ‘impaciente’. Quando tive certeza de que ele sabia das minhas intenções, passei pelos arames farpados e me coloquei em frente a ele, olhando bem nos olhos dele, “olho no olho”.

Ele continuava sentindo muita dor, mas, tive certeza que confiava em mim. Os cinco ‘vacinadores’ permaneceram parados e em silêncio. Conversei com o touro e, aos poucos, comecei a passar a mão na testa dele. E, à medida que ele relaxava, fui passando a mão pelo pescoço até chegar na seringa cravada no pescoço dele. Alguém fincou a agulha ali e, quando o bicho reagiu, largou a seringa, que ficou pendurada no músculo.

Afaguei a região, sempre ‘conversando’ com ele. Eu tinha observado o suficiente para saber que ele estava muito bem preso pelas três cordas e não se soltaria. Quando tive certeza de que ele entenderia meu gesto, segurei firme a seringa, que fui levantando devagar e sempre massageando ao redor.

Óbvio que, ao levantar a seringa, o músculo contorcido voltou ao normal e reduziu a dor.

Bem devagar, injetei os cinco milímetros e retirei a agulha, sempre falando e massageando o pescoço dele. Olhei bem para os 'vacinadores', deposei a seringa sobre um cepo e passei por entre os fios do arame farpado da cerca para sair na estrada.

MAU-OLHADO

Desde criança, ouvi pessoas dizerem que alguém havia colocado mau-olhado nas fronhas, nas dobras da roupa ou nos bolsos. Ouvia mulheres especulando quem teria feito aquele feitiço, quem teria praticado a bruxaria, com que intenção. E sempre citavam alguém da família, alguma vizinha, algum parente, como pessoa perigosa, que poderia fazer grande mal, podendo causar até a morte. Porém, jamais eu tinha visto o mau-olhado em si.

No início da adolescência, talvez, com mais curiosidade e, sem dúvida, com alguma coragem, quando ouvia uma voz assustada falando que tinha encontrado um mau-olhado, procurava as provas reais do malefício. Deixava passar alguns minutos, observava com cuidado se a denunciante estava ocupada com outro assunto ou estava cuidando de seus afazeres e vasculhava todas as roupas que estivessem penduradas nos varais para secar.

Demorei para encontrar ‘objetos perigosos’. Saía frustrado; entretanto, ainda mais curioso. Redobrei minha atenção, aguicei os ouvidos e preparei os olhos para encontrar ‘o inimigo’. Mesmo assim, não encontrei ‘o monstro’ que poderia destruir a vida de uma pessoa da família ou até a mim mesmo.

Como dizia Anna Maria, minha mãe, quando desisti de procurar, quando já tinha esquecido das

ameaças, alguém me mostrou um mau-olhado. Então, entendi porque não conseguia encontrar os anteriores: eu procurava algo horrível, amedrontador à primeira vista.

Para poder frequentar a escola (Curso Ginásial), passei meses hospedado na casa de uma família, para a qual prestava serviços. Levantava no final da madrugada para ajudar a filha da dona do botequim a fazer pastel, cavaquinho, bolinho de chuva, cueca-virada e sonho para serem vendidos aos passageiros do ônibus que passava logo após às seis horas.

Durante uma daquelas empreitadas, a moça soltou um grito medonho, tirou e jogou o casaco através da porta, apesar do frio intenso e da geada sobre as plantas. Parei de sovar a massa e aguardei calado, pois, ela era bem temperamental e poderia reagir agressivamente. Ela era a filha da patroa, mas, queria mandar mais que a mãe.

Mesmo com medo, ela se encolheu de frio e, em poucos minutos, me mandou buscar o casaco caído logo depois da porta. Obedeci, sem contestar. Quando ofereci a veste, ela, tremendo, se encostou mais ainda contra a parede, com olhos de pavor. E ordenou que eu tirasse o mau-olhado que estava no bolso direito do casaco, já gelado e úmido de sereno.

Vacilei. Se era perigoso para ela, poderia ser perigoso para mim também. Todavia, tinha que obedecer...

Abri lentamente o bolso indicado e nada vi de diferente. Apenas, na parte mais funda do bolso, havia um amontoado de fiapos e de finas fibras que

tenham se desprendido do tecido. Virei o bolso pelo avesso e ia retirar os fragmentos quando ela gritou ainda mais assustada: “Não põe a mão. Tu tá loco?”

Muitas vezes, eu havia retirado montinhos de pano no fundo dos meus bolsos... Nem por isso, fiquei louco ou senti algum quebranto. No entanto, precisava concordar com a patroazinha. Então, ela ficou mais indecisa que eu: vestir o agasalho com mau-olhado, suportar o frio ou assistir o extermínio de uma superstição. Seria uma vergonha ter mais medo que o adolescente quatro anos mais novo que ela... Foi vencida pelo frio ...

Nos vinte anos seguintes, desperdicei meu tempo tentando convencer vítimas de quebranto de que aqueles restos de tecido lavado comprovavam, apenas, que as pessoas não costumavam virar a roupa pelo avesso na hora de lavar. Depois, aprendi a cuidar da minha vida, tão somente, e fiquei em silêncio diante de pessoas com medo de mau-olhado.

Morávamos num vale em que deslizavam um arroio e um rio, a seis quilômetros da vila: isolados no meio do mato. Alguns vizinhos moravam do outro lado do rio, porém, distantes uns dos outros para formar alguma estratégia conjunta de defesa no caso de serem atacados.

Por isso, para defender a família, nosso pai, Vitorino Tessari, comprou um revólver calibre 38, cano longo, niquelado e com cabo de madrepérola. Numa noite, acordamos com ele sussurrando para

nossa mãe que havia alguém na varanda, forçando a janela para entrar. Ele foi para a cozinha com a arma ‘descarregada’ e um punhado de cartuchos para serem postos no tambor. Porém, meu pai se atrapalhou e os cartuchos caíram no assoalho, fazendo bastante barulho. Logo, escutamos alguém saindo correndo da varanda. Melhor que dar tiros...

Logo que ficou viúva, Anna Maria vendeu a bicicleta para arrecadar algum dinheiro. Mas, não vendeu o revólver, que ainda fez muitas histórias.

Nosso pai morreu em março de 1962 e fomos morar em local próximo da Nonna e dos tios, onde hoje é a residência do tio Alcides e da tia Iolanda. Certa noite, já bem tarde, começaram a ocorrer barulhos diferentes daqueles que estávamos acostumados, como se alguém estivesse forçando as paredes da casa e do porão. Nossa mãe interpelou quem era, como não houve resposta, se munuiu de coragem e do revólver devidamente carregado, abriu um pouco a janela e disparou um tiro pro alto. Depois do tiro, o barulho cessou e fomos dormir novamente. No dia seguinte, descobrimos a origem dos tais barulhos. Nada mais era que as ovelhas da Nonna, que, de alguma forma, conseguiram abrir o portão do cercado onde viviam e, vendo-se desabrigadas, tentavam achar um lugar para o pernoite.

No dia 18 de setembro daquele ano, o Padre Nei, reitor do Seminário Diocesano de Lages, mandou o Mario pra casa “pra ajudar minha mãe”. Naqueles

duros tempos, não havia telefone em Ipoméia e nossa mãe nem imaginava que o filho chegaria naquela noite.

Chovia muito, o ônibus teve dificuldades para se manter na estrada, precisando ser empurrado pelos passageiros e atrasou bastante. Deveria passar em Ipoméia no final da tarde, mas, só chegou às 22:00 horas. Com a mala de papelão, o Mario amassou barro pela estrada secundária, entrou na pequena varanda e bateu na porta. Passados alguns minutos, escutou passos de alpargatas vindo até a porta.

“Quem é? – perguntou Anna Maria. E o bocó do filho dela respondeu “Sou eu.”, a invés de dizer o nome e explicar porque chegava tarde da noite e debaixo de chuva. Ela perguntou uma segunda vez e o menino repetiu a resposta. Óbvio que ele deveria ter se identificado e explicado que estava chegando de Lages e que o ônibus tinha atrasado. Depois de longos minutos, o estalo do trinco revelava o destravamento da fechadura e o cano do revólver e a cara assustada da mãe espiaram pela fresta da porta que ela entreabriu.

“Porque você não falou logo quem era?” “Deixe esses sapatos enlameados aí mesmo.” O filho entrou. Ela colocou o revólver sobre o banco ao lado da mesa e acendeu a querosene da lamparina. Depois, com a situação sob controle, foram dormir.

GALO VALENTE

A Débora, para ‘brincar’, ganhava cães, gatos, bode, ovelha, cavalo, E, muitas vezes, incentivava os ‘bichos de estimação’ a perseguirem pintos, galinhas e, também, o galo.

Numa manhã, período em que a garota estava na escola, vi o galo batendo no cão. O rei do pátio martelava bicadas na cabeça do ‘assustador de pintos’, que gania e corria à procura de abrigo atrás obstáculos.

SOVADO

O Luiz era dois anos mais velho que o Vanderlei e “estudava em outra sala”, óbvio. Era guloso, “esganado”, glutão. “Ele me sovava muito.” Perguntei por quê e o Vanderlei disse “ele queria o meu lanche”. Depois de uma dessas brutais agressões, o Vanderlei encarou o malvado e disse: “Um dia, ainda não sei quando, eu te devolvo isso.”.

Quando o Vanderlei tinha dezoito anos, entrou no salão de baile que era dos pais do Luiz e viu o Luiz sentado em frente a uma pequena mesa, bem aos fundos; baixote, gordo, segurando um copo com cerveja. “Nem pensei. Fui direto e dei um sopapo; ele caiu com cadeira e tudo”. E disse pra ele: “Eu não prometi? Você me sovou quando eu era pequeno; agora, você levou a tua de jeito.” Os seguranças chegaram e apartaram. Como o Luiz era o filho dos ‘donos da casa’, o Vanderlei foi posto pra fora e foi embora.

Passou um tempo e o Luiz pediu desculpas pro Vanderlei. Mais um tempo e o Luiz confidenciou pro Vanderlei que ele estava interessado numa amiga do Vanderlei; ela e o Vanderlei moravam na COHAB. O Vanderlei falou pra ela: “O Luiz tá interessado em

você.” “Não quero ele; é muito gordo.” “Que nada. Ele é trabalhador; trabalha na Eliane.”

Numa soarê, tempos depois, “tocou uma música lenta” e o Vanderlei chegou perto da mesa em que o Luiz bebia a cerveja dele e falou: “Ela tá sozinha, naquela mesa. Convide pra dançar que ela vai.” “Ela vai fazê um carão e eu vou passar vergonha.” “Que nada. Ela vai aceitar.” E o casal dançou o resto da tarde. Namoraram, casaram e tiveram um filho e uma filha.

Trinta anos depois, o Vanderlei embarcou no ônibus na Estação Rodoviária de Criciúma pra vir pra Jaguaruna e viu que o motorista era o Luiz. Conversaram bastante.

ETERNO BEBÊ

O corpo dela guardava memória da segurança e do aconchego vivido na infância. Desde aquela época, ela desejava ser mãe e dedicar muito amor a seus bebês, reproduzindo o ambiente de conforto, com alegrias iguais ou até maiores das que ela tinha vivido.

Por isso, ainda adolescente, planejou casar, ter uma casa segura com todas as comodidades e gerar muitos filhos.

Aos dezesseis anos, começou a trabalhar como babá, pois adorava crianças; muito melhor do que trabalhar na roça, nem considerava ser um trabalho. Pena que houvesse só uma criança; filha única. E essa cresceu em poucos anos, dispensando seus cuidados e seus desvelos.

Casar foi relativamente fácil. Construírem uma casa grande e sólida foi um pouco difícil. A venda de cereais, de hortaliças e de legumes rende pouco dinheiro. E ela queria alimentar os filhos, sem carestia. E vestir a família com boas roupas. Então, fazia faxinas para completar a renda.

Nasceu o primeiro filho. Que alegria!!! Agora, era Mãe. Aumentou a trabalheira: corria da manhã à noite, era acordada durante a madrugada, mas, mesmo assim, vivia feliz. À medida que o menino crescia, percebeu que ele era quieto como o pai e se

conformou com esse ‘defeito’, pois teria muitos outros e alguns seriam tão alvoroçados quanto ela.

Comemorou ao saber que estava grávida novamente. Meses depois, comemorou mais ainda quando esse segundo menino buliçava e ria de tudo; era mais agitado e divertido, dando mais vida a seus dias.

Depois desse segundo parto, a Mãe analisou as possibilidades de ser mãe para sempre. Mais que isso: ter um bebê para o resto da vida. As análises de conjuntura e de estrutura familiar apontavam para uma possível terceira gestação ... se o marido concordasse. E ele preferia cuidar apenas do trabalho e de si mesmo.

Sem entusiasmos sexuais, planejou uma terceira gravidez e conseguiu. Sem comemorar, porém. Sabia que poderia ser a última oportunidade e planejou jamais se separar do feto, interrompendo o parto antes da completa conclusão: decidiu não contar o cordão umbilical. Teria de parir em casa, porque, na maternidade, seguiriam o protocolo. Precisava da ajuda de profissionais que concordassem com a ‘loucura’.

Mesmo com a estupefação dos familiares, conseguiu manter o recém-nascido preso a ela. Foram muitas as dificuldades: vestir-se e vestir o filho ‘pendurado’ pelo cordão umbilical (teve de confeccionar roupas adaptadas), dormir presa ao menino sem rolar por cima dele, conseguir que o marido concordasse em deitarem com um bebê

entre eles e levar o bebê consigo quando ia ao banheiro durante a noite. E, durante o dia, também.

Previu que, para amamentar, o cordão teria que passar pela roupa dela em local mais próximo das mamas. E que, no atrito com as roupas, o cordão poderia ser rompido.

Outra dificuldade foi carregar ininterruptamente a criança para todos os lugares que fosse e durante vinte quatro horas por dia. Quando visitasse o pediatra, ela levaria o filho de qualquer forma. Mas... Os esforços compensavam: era curiosidade mundial, entrevistada e fotografada continuamente, notícia todos os dias.

Além do sucesso publicitário, muitos médicos e cientistas entravam em contato para obter informações de como ela estava vivendo a experiência e sobre a saúde do bebê, afinal, ele continuava recebendo sangue diretamente da mãe e, ao mesmo tempo, mamava.

Muito além de se tornar uma celebridade, ela gozava o prazer de ter um filho ‘especial’, muito diferente dos dois primeiros, separados do corpo dela no momento em que foi cortado o cordão umbilical.

A mãe conseguiu praticar essa doce loucura até a criança chegar à idade de ir pra escola. Aí, não houve argumentação que convencesse a aceitarem que ela entrasse e permanecesse em sala de aula... ligada ao filho pelo cordão umbilical.

Precisou de três dias em reflexões recorrentes para aceitar o inevitável. Marcou consulta com o

pediatra, expôs a situação e pediu mais alguns dias para planejar como seria depois de separada do filho. Evitou comentar com o marido, com os filhos, com os demais parentes e com todos os que encontrava. Retirou-se em meditação profunda.

Sabia que a mídia e os fofoqueiros estavam de plantão e driblou a todos; apenas o pediatra participou da escolha da data e do local em que seria concluído o parto. E depois de cortar e guardar o cordão umbilical, continuou a proceder como se o fio orgânico ainda ligasse dois entes ‘inseparáveis’.

Em mais três dias de lucubrações desgastantes, arquitetou arranjos para manter os procedimentos maternos como se nada tivesse mudado. Continuou deitando o menino entre ela e o marido, tomavam banho juntos e juntos andavam por todos os lugares, apegados. Exceto nos momentos em que o menino estava na escola; ele entrava e ela ficava sentada ao lado do portão aguardando o retorno dele.

O marido procurou manter-se afastado e em silêncio. Transferiu seus afetos para a convivência com amigos e passou a dar ainda mais atenção aos fregueses. Apesar das barreiras postas entre ele e a mãe de seus filhos, continuou trabalhando e dando sustento ao grupo familiar.

Ela passou a trabalhar mais e mais para conseguir comprar um apartamento só para ela e para o último filho. Colaborava com o trabalho da família e mais trabalhava para si, na árdua tarefa de comprar o necessário para ela e para o apegado. Residindo no novo endereço, batalhou para que o

filho mudasse de escola e reduzisse ao mínimo suas relações com o bairro em havia crescido junto à grande família, participando de todos os eventos na comunidade.

Os meses somaram anos, o menino adolesceu e as pessoas passaram a considerar ‘normal’ a situação. Ela conseguiu aposentadoria como agricultora e pode assumir profissão urbana, sem riscos de perder os ‘benefícios’ da Previdência Social. Comprou automóvel para andar sozinha ou na companhia do terceiro filho, abandonou antigos hábitos, alinhou novas relações, desenvolveu ainda mais habilidades e se estabeleceu como autônoma.

CENTENÁRIO DE VIDA

Luiza vivia sozinha em uma casa de dois pavimentos: preparava as suas refeições e mantinha a moradia em ordem exemplar.

A grande família (filhos e netos) organizou uma comemoração do tamanho da idade dela.

Quando iam sair para a missa de aniversário, Luiza escorregou, caiu e se machucou ... um pouco. Porém, dada a idade e a data comemorativa, o pequeno acidente assumia ares de tragédia. Os filhos decidiram que a mãe deveria ser levada ao hospital, “para ver se não tinha quebrado algum osso”.

Determinada e sorridente, Luiza disse: “Vamos comemorar. Vamos pra igreja que a missa logo começa.” E foram. Os filhos estavam atentos a tudo o que acontecia com a mãe, sentada e se esforçando pra não gemer, pois, visivelmente, sentia dores.

Terminada a missa, falaram pra ela: “Agora, vamos ao hospital ver se não aconteceu algo mais grave.” “Não, vamos almoçar e comemorar.” E almoçaram e discursaram e estavam todos felizes.

No fim da festa, finalmente, a família conseguiu levar a anciã ao hospital, para constatar que foram apenas escoriações, hematomas e a alegria imensa de comemorar 100 anos.

ÁRVORE DE RUA

A fruta estava madura, sem faltas ou excessos; madura no ponto. A polpa exalava aroma delicioso e as sementes, muito semelhantes entre si, provocaram nele a vontade de plantar, de ver as primeiras folhas brotarem, de contemplar as árvores crescerem e frutificarem.

Movido pelo impulso e revivendo a infância na roça, o ‘ecologista urbano’ aproveitava para plantar nos reduzidos espaços ao redor de casa. Pois, na cidade, a terra e a Terra estavam dominadas por alvenarias; subjugadas, sufocadas, sobrando poucos palmos de solo fértil para os vegetais, e o bairro carecia de paisagens verdes e de ar puro, bom de respirar.

Estava assim absorvido, olhando para a rua, quando percebeu o buraco que ficara do conserto do esgoto municipal à beira da calçada. Sorrateiro, ele cavou a terra úmida e plantou uma das suas pequenas árvores na esterilidade urbana.

Poucas pessoas souberam da aventura ecológica. E, muito menos, se motivaram a ajudar na plantação de uma floresta em via pública. Sozinho, contemplava o minúsculo vegetal e sua dedicação despertava curiosidade nos vizinhos e nos passantes.

Talvez, aquecida pelo olhar do semeador e/ou abastecida pela matéria orgânica do esgoto, a pequena árvore arbustou, ramificou e encorpou. As primaveras favoreceram o crescimento e produzia sombra para abrigo contra o sol escaldante.

A árvore se tornou ponto de referência para a família e para a vizinhança. Todos defendiam a árvore da poluição, dos vândalos, das bicicletas e dos pisões.

Para viver, a árvore tinha que formar raízes profundas, que encontrassem nutrientes, e que se renovar, trocando as folhas envelhecidas por novas folhas. A força das raízes danificava a calçada e as folhas caducas emporcalhavam o derredor. As pessoas, mesmo com o grande amor pela natureza, não tinham tempo e vontade de recolher as folhas secas; também, não sabiam que as folhas são ricas em carbono e podem ser transformadas em adubo natural.

Os funcionários da prefeitura planejavam erradicar a ‘invasora’. Aguardavam apenas a ‘ordem de serviço’ e uma distração do plantador de árvores. A vizinhança se dividiu entre defensores da natureza e promotores do progresso urbano. Os contendores conversaram com jornalistas e a árvore foi amplamente noticiada, julgada e sentenciada por cada lado da contenda. Os vizinhos e o povo em geral aguardavam os acontecimentos.

Quando as informações chegaram aos ‘órgãos ambientais’ e às ongs, a ‘árvore de rua’ ganhou sobrevida, porque – defendiam – ela amenizava o calor, absorvia gás carbônico e fornecia oxigênio para as pessoas. Além disso, foi reconhecida como ‘produtiva’: poderia alimentar borboletas, pássaros e pessoas.

Por outro lado, os urbanistas lembravam que os frutos excedentes caíam na calçada, atraíam moscas, baratas e ratos, além de representarem risco para os transeuntes, que poderiam escorregar na polpa podre e sofrer fraturas ósseas. A árvore não constava do ‘planejamento urbano’ e atrapalhava a visão dos motoristas. As ‘autoridades’ investigariam a origem da ‘invasora’ e responsabilizariam possíveis ‘envolvidos’ na irregularidade.

EXCESSO DE ENERGIA

Cinco homens jovens estavam trabalhando na pavimentação, com lajotas de concreto, o trecho de rua entre as igrejas de Sanga Grande.

Em fila indiana, distantes dois metros e meio um do outro, o primeiro pegava uma peça de nove quilos que a empresa fornecedora havia depositado na margem da obra e lançava para o segundo, que lançava para o terceiro, que lançava para o quarto, que jogava para o quinto deles, que parecia ser o chefe da equipe. Esse último assentava a peça sobre a areia. Após lançar a lajota para o trabalhador seguinte, cada um se voltava para o anterior e recebia outra lajota lançada.

Quando o comandante considerou que uma peça recém-colocada estava precisando de ajustes, mandou os demais esperarem. "Para, para. Preciso ajeitar aqui..." O apanhador 'descansou' a 'sua' lajota sobre a pilha ao lado da rua. Havia ainda duas lajotas 'em viagem'. O quarto olhou para o terceiro da fila, deu um grito de alerta e jogou de volta a lajota que balançava em suas mãos. Como se fosse ato reflexo, o segundo devolveu a lajota para o primeiro; os que

receberam a ‘devolução’ também devolveram a lajota recebida.

As duas duplas continuaram trocando lajotas entre si. numa brincadeira, pesada e perigosa, que foi interrompida, depois de alguns minutos, pelo comando do chefe: “Vamo lá!” E a ‘esteira humana’ voltou a funcionar como funcionam as esteiras industriais.

O observador, com 75 anos e poucas forças, concluiu que os moços queriam gastar as energias que estavam sobrando.

HÉCTORA

No Século XIX, poucos burgueses italianos deixavam a Itália, onde usufruíam de privilégios obtidos com a exploração de proletários; os quais, além da gerar a prole (mão-de-obra barata), aceitavam a semiescravidão como único meio de sobrevivência. Para plantar, os agricultores dependiam de ‘favores’ dos senhorios, mesmo pagando altos tributos. A simples possibilidade de trabalhar como serviçal, em troca de casa e de comida, era uma ‘regalia’.

Os italianos pobres optaram pela busca de ‘novo mundo’, onde tivessem terra para plantar por conta própria, sem serem espoliados pelos latifundiários. A miséria e a consciência de que a situação só pioraria aconselhavam arriscar até a vida.

No ‘novo mundo’, os imigrantes italianos se agruparam em comunidades ‘fechadas’, seguindo costumes vividos na velha Itália, baseados em crenças catequéticas, quase dogmas. Paradoxalmente, na América, passaram a explorar os ‘nativos’, ‘mantidos’ como agregados (famílias ao dispor dos colonos, “em prontidão para servir”). Os pobres oriundos da Itália reproduziam, assim, a estrutura social que tanto condenaram.

Na Vila Encosta, estabelecida num trecho de montanha com menor declividade, tendo disponíveis terras férteis para o plantio e um arroio de águas límpidas, dois clãs familiares compartilhavam trabalhos, formavam alianças através de casamentos e defendiam a privacidade comunitária.

Reproduziam assim os feudos dos quais fugiram.

Cada encostense desempenhava papéis sociais cristalinos, com destaque para o autoritarismo dos ‘chefes-de-família’ e para a servidão das ‘esposas’. Aliás, casar era a meta de cada menina, mesmo que fosse com um algoz ou com um idiota. Por isso, pagavam qualquer preço pelo casamento. Lutavam “pra não ficar pra titia”, para não assumirem o papel de ‘solteirona’ que serviria só “pra benzer tempestades”.

Quando Tyranno olhou para Héctora, ela aceitou ser cortejada e se empenhou para aprofundar a relação; numa comunidade tão hermética, poderia ser a única chance de casar. Diziam que “ele era muito mandão”, mas, ela pensava: “homem é assim mesmo”, todos os maridos tratavam as mulheres como serviçais; logo, nada diferente.

Assim, casaram e foram gerando filhos. Ele comercializava gado; saía pela manhã e voltava tarde da noite, sempre insatisfeito e exigente. Héctora trabalhava de madrugada a madrugada, sem dar importância para si mesma: para suas dores, suas opiniões e seus desgostos. Durante o dia, com o marido ausente, ela cuidava das crianças e dos animais domésticos, plantava o-que-comer e vendia

pequenos excedentes em troca de dinheiro ‘para comprar as miudezas necessárias para a família’, como sal para a comida ou agulha e linha para costurar.

Queria ter filhos. E conseguiu. Seriam a continuidade dela mesma. E eles gerariam netos, bisnetos, ... Porém, como o pai e as labutas diárias, eles também ajudaram a consumir o corpo, que rapidamente envelheceu. Por isso, a vida foi curta: “nem deu para criar a filha caçula”.

A tradição familiar determinava que o enviuvado deveria escolher para si uma das irmãs da falecida esposa. Tyranno escolheu Serva para assumir ‘o lugar da falecida’ no comando do lar e na guarda dos filhos da irmã morta, exceto a bebê que ficou aos cuidados da avó materna.

Héctora se sentiu duplamente realizada: conseguia casar e já ‘ganhava’ filhos crescidos. Comemorando a oportunidade, assumiu as tarefas de esposa e de mãe, substituindo a irmã com renovada juventude. Considerava normais as arbitrariedades do marido, pois, “era ele que sabia de tudo e que comandava a família”. Foi ele, também, que despertou os hormônios e os prazeres sexuais. Vivia feliz; nem sentia cansaço, apesar da imensa trabalhadeira. Também, não percebeu a gravidez; foi alertada pela mãe, que “tinha experiência ‘nessas coisas de mulher’”.

Durante a gravidez, estava tão contente que ia ser mãe que nem se preocupou se, dentro dela, estava se desenvolvendo um menino ou uma menina.

Para ela, “tanto fazia ser menino ou menina”. Apenas vivia as alegrias da ‘nova vida’.

A mãe dela ‘fez o parto’, com ajuda de outra vizinha. Tudo muito natural. Entre elas, até pensaram em ‘nomes bonitos’ para a menina. Serva tinha em mente alguns nomes que soavam como música em seus ouvidos. Porém, ao iniciar a conversa com o marido, ouviu que a pequena usaria o nome da falecida, para que ele pudesse homenagear a primeira esposa.

O choque foi tão grande que ela travou: nem pensar conseguia mais. Resignou-se. Todavia, decidiu que jamais chamaria a filha pelo ‘nome de batismo’. Referia-se sempre à bebê como Bambina. Com o passar do tempo, por economia de voz, reduziu para Bina.

Depois dessa decepção inicial, pode, com alegria dar aos filhos o nome desejado por ela. E teve sorte: foram todos ‘homem’ e ela conseguiu evitar a presença de mais um Tyranno em sua casa. Quando os filhos cresceram e assumiram vida própria, para ela, restou apenas a companhia do marido. Durante a noite, porque ele vivia para o mundo, para seus negócios.

Bina cresceu, casou e teve seus filhos, mantendo aversão a seu nome de batismo, que era também seu nome civil. Adotou o apelido como ‘nome verdadeiro’ e se identificava com ele.

O MARIDO DA ANGOLISTA

Os galináceos nasceram e foram criados num escombro de banheiro velho construído com tijolos à vista. Resultaram de duas ninhadas de ovos-caipira. Logo que conseguiam se aquecer sozinhos, viram chegar duas dezenas de pintos-de-granja, que tiveram de aquecer e de ensinar a comer e a beber água.

Na infância, foram quase iguais uns aos outros. Entretanto, com o passar do tempo, as diferenças físicas se estabeleceram, diferenciando os indivíduos por heranças genéticas, por características sexuais, por opção de gênero e por tendências comportamentais. O tamanho e a agressividade impuseram níveis de hierarquia no galinheiro. Entre os dois extremos da ‘pirâmide avícola’, sobrevivia a ‘classe média’, composta pelas aves que aceitavam o comando e que não queriam nada com brigas.

Desde cedo, um galo vermelho assumiu o papel de algoz martelando as cabeças ensanguentadas de todos que oferecessem algum tipo de resistência à soberania imposta. Os frangotes e as galinhas mandonas tiveram de optar por servilismo ou estratégias de fuga; ou demonstravam claramente a

intenção de colaborar com o carrasco ou usavam a ‘classe média’ como esconderijo e/ou labirinto.

Nem mesmo quando os donos jogavam milho no comedouro a paz reinava no ambiente. O galo vermelho, galinhos rinhentos e galinhas-inglesas aproveitavam o desespero dos famintos para distribuir pancadas e arrancar penas.

Os sapiens consideravam normais as agressões, pois eles também viviam em guerras. Porém, mais lutavam por dinheiro e não por frango morto, que geram prejuízos. Por isso, resolveram livrar do martírio os espécimes que pudessem render boa carne ou ovos. Dentre eles, um galo-inglês e uma galinha-de-angola.

Logo após o indulto, cada um dos libertados correu para direções opostas e passou a sobreviver do que conseguisse catar pelo chão. Comparando ao suplício sofrido durante a infância e a adolescência, o pátio imundo parecia um paraíso.

E foi um paraíso até o dia em que os ex-colegas atingiram a idade adulta, causando superlotação no exíguo prédio do banheiro de pobre, de metro por metro. Por outra decisão dos sapiens para defender o patrimônio, o galo vermelho e duas galinhas poedeiras também ganharam a liberdade dos terreiros. Livres do presídio; sem perder o lugar na hierarquia. As galinhas obedientes continuaram no posto de esposas e o galo vermelho continuou a exercer o poder supremo. O comando incondicional

garantia ao ditador o direito ao harém e o privilégio de bater nos que saíram da prisão antes que ele.

Mais uma vez, o galináceo tirano concedeu o direito de escolha: a angolista submeteu-se à exploração sexual e o galo-inglês fugiu da luta, mantendo-se nos confins do terreiro; passou a viver no mato, embrenhado em capoeiras. Os meses de isolamento social favoreceram a cicatrização das feridas, apesar dos danos irreparáveis na crista, que continua pendida sobre o olho esquerdo, como se fosse um tapa-olho.

Quando já tinha assumido a condição de ermitão, a angolista rompeu relações com o machão vermelho e bandeou pra lado dele.

O que parecia ser um prêmio de consolação virou motivo de sofrimento, pois a fêmea se mostrou melindrosa, irritadiça. Escolheu a companhia dele, porém, segundo suas regras. Queria flertar, sem maiores compromissos. Ele, bem afoito, queria aliviar os hormônios. Agia por instinto, sem preâmbulos diplomáticos. Ia direto à celebração da vida. Era reagiu indignada. Ele insistiu. Então, ela perdeu a paciência saiu pra briga.

PIOLHENTO

Em Ipoméia, os adultos contavam e repetiam a história da “Véia Pina” e do “Celestino Pancada” toda vez que uma criança insistisse em implicar com os colegas ou na prática de maldades sem nexos. A história era usada como fábula, com função moral de corrigir comportamentos.

Nos tempos atuais, seria preconceito com ela e boas reflexões sobre o nome dele: Celestino, porque ‘merecia o céu’ de tanta pancada que recebeu na vida. Piolhento, dizia ela.

Relatavam um evento fatídico que ficou impresso em nossas memórias. Nunca lembrei de perguntar quem de fato eram, se tiveram filhos, do que viviam. Nem mesmo o nome civil completo dos dois. Lembro apenas que a casa deles ficava na barranca da margem direita do Rio Preto, a meio caminho entre a vila e o moinho. Era uma faixa estreita de chão batido e varrido, com uma casa de madeira escurecida pelas intempéries durante muito tempo.

Diziam que ela vivia implicando com o marido, debicando, enticando e chamando de piolhento. Diziam que a vida conjugal deles sempre teria sido assim: ela depreciando o marido e ele suportando tudo calado.

Naquele dia, ela teria chamado e apontado para algo invisível no meio do rio. Ele teria olhado o ponto

apontado, com atenção, forçando as vistas. E ela, aproveitando a concentração dele no inexistente apontado, embalou carreira pra empurrar o marido pra morte. Ele, porém, escutou os passos acelerados dela e, no momento que seria empurrado, saiu de lado, deixando que a mulher passasse a toda e caísse na água profunda do rio.

Ela, mesmo submersa e se afogando, ainda punha as mãos pra fora da água e fazia o gesto de quem esmaga piolho entre as unhas dos polegares.

OS BUGRES DA SANGA GRANDE

Eu começo questionando a localização e a denominação da localidade. O pequeno rio nasce no alto da montanha e escorre de forma permanente, sendo invadido por enxurradas ocasionais; nem sanga, nem grande. Para nós, Rio Itaguá. Além disso, a região se estende até os limites dos municípios de Sangão e de Treze de Maio, muito além das margens fluviais. O bairro rural, nomeado oficialmente como Sanga Grande, abrange uma área baixa de relevo ondulado, com altitudes médias de 50 metros, e uma área alta, formada por uma coroa de montanhas que atingem até 235 metros.

Os grupos aborígenes ocuparam diferentes territórios da região, em diferentes épocas: os sambaquieiros, exímios pescadores, dominavam a faixa litorânea; os guaranis, por usarem a agricultura, talvez, estivessem instalados no Vale do Rio Itaguá; e os xoclengues, vivendo de coleta de frutos silvestres e da caça nas encostas e nos planaltos. Podem ter vivido em épocas bem diferentes, podendo serem até sucedâneos, descendentes uns dos outros. Nem contrerrâneos, nem contemporâneos. Portanto, seria um erro enquadrar todos esses grupos étnicos como ‘da

mesma tribo’. Entretanto, os colonizadores denominavam a todos, indistintamente, de ‘bugres’.

Possivelmente, todos eles explorassem os três ecossistemas, aproveitando o que estivesse disponível em cada um em cada estação do ano. Quem sabe, fossem – em diferentes graus e a seu modo – coletores, caçadores, pescadores e agricultores.

Na Sanga Grande Baixa, foram encontrados poucos e rudimentares artefatos líticos. Na Sanga Grande Alta, pouco depois das nascentes do rio, foram encontradas muitas pontas de flechas talhadas em pedra sílex, o que permite deduzir tratar-se de um grupo Xoclengue, da Tradição Umbu.

O Renato Felisbino compartilhava comigo sua paixão pela antropologia e pela história dos antepassados dele. Coletava caixas e mais caixas de fragmentos de rochas com sinais de ação humana. Convidava para explorar a região e trazia os materiais para serem analisados a dois. Boa parte era de rochas com formatos de possíveis ferramentas líticas. Porém, não conseguíamos encontrar neles indícios de ação humana, como cortes ou desgastes intencionais.

Ele soube que a patrula da prefeitura havia desenterrado uma ossada no leito da estrada que liga os bairros Encruzo e Costa da Lagoa Jaguaruna. Fechou a barbearia e veio me buscar para ver a

sepultura. De fato, um grande achado, uma relíquia histórica, uma sepultura antiga.

Na abertura deixada pela lâmina da máquina, via-se um esqueleto humano em decúbito dorsal, tendo, entre o braço esquerdo e as costelas, o esqueleto de um animal, possivelmente, de uma preguiça, com uma perfuração circular no alto do crânio do animal. As unhas da preguiça mediam de três a cinco centímetros.

A parte frontal do crânio humano tinha sido arrancada pela máquina e o tacape de pedra preta tinha sido desgastado numa das laterais e estava partido ao meio. Do lado direito do corpo, estavam depositados alguns objetos de pedra, dentre eles, um pingente de uns seis ou sete centímetros de pedra polida, pedra composta de três segmentos de materiais distintos, de cores branca, marrom e preta. Possivelmente, cristal de rocha. Ao redor do corpo, como enfeite, estavam dispostas pedras brancas ou esbranquiçadas. Nos terrenos ao lado da rodovia, o chão estava marcado por linhas de pedras brancas ou esbranquiçadas, também. Essas linhas se encontravam e se entrecruzavam por uma área de uns trezentos metros quadrados.

O Renato pediu minha opinião. Disse a ele que a ossada teria entre seis e sete mil anos. Ele reagiu com incredulidade. Reafirmei, justificando que esse tipo de sepultamento, com um animal e outros alimentos para consumir ‘na outra vida’, foi tradição naquela época. Além do que a estatura do homem

(homem, masculino, pois, supus que fosse um caçador) era diminuta e aquele tipo de preguiça foi extinto há milênios. Meses depois, o Renato confirmou que a Universidade teria datado o esqueleto em seis mil, quinhentos e setenta anos.

Sugeri ao Renato que retirasse o material arqueológico e mantivesse segredo, por enquanto. Porém, ele se entusiasmou e divulgou o achado. Logo, duas universidades estiveram no local e levaram tudo com eles, inclusive, os depósitos líticos que o Renato mantinha em casa. Alegaram que todo material arqueológico é patrimônio cultural e que, por isso, está a cargo das universidades.

Nunca mais o Renato recebeu notícias dos ‘cientistas’ ou viu seu nome citado, nem mesmo como colaborador ‘analfabeto’. Morreu anônimo e ridicularizado pelos seus conterrâneos. Guardo algumas fotografias dos fósseis registradas aqui na varanda da casa.

Em 2015, encontrei na baixada próxima à casa antiga do Gonçalves Antônio Pacheco, uma machadinha de pedra, bem rudimentar, e uma pedra com formato de ovo, de 28 centímetros de comprimento por 15 centímetros de diâmetro, com uma ‘cintura’ cavada na parte média. Imagino que o sulco serviria para amarrar por ele uma corda ou cipó. Como encontrei a pedra entalhada no leito do rio, imagino que tenha sido usada para fixar alguma armadilha de pesca como âncora para a armadilha resistir à correnteza.

A família Duarte da localidade de Sanga Grande Alta conviveu com os ‘bugres’ no início do Século XX. Fermínia relata que, depois de despejar a polenta, os pais dela penduravam o caldeirão num caibro do alpendre para esfriar e, para dele, no dia seguinte, serem retirados os cascões de farinha torrada que eram dados às galinhas e aos porcos.

Uma noite, após a janta, horário em que eles rezavam o terço, ouviram um grito agudo de dor. O pai dela teria pego o lampião a querosene e saído pela porta dos fundos para verificar quem estaria ali gemendo. Encontrou um bugre caído, meio desmaiado, com a cabeça sangrando muito. Ao ver a luz, o homem se levantou sem susto e foi até o sal guardado em uma barrica junto da porta, pelo lado de fora da cozinha. Apanhou um punhado de sal, que levou até o ferimento, para estancar o sangue. Logo, ele sabia que o sal coagulava o sangue.

Depois de se automedicar, ele fez gestos para explicar que viera para ‘roubar um pouco de sal’ e que eles tinham colocado a panela ‘fora do lugar’. Portanto, ele visitava o alpendre para buscar um ‘tempero’ para a comida. Vinha durante o período em que a família barulhava na cozinha e encobria o som dos passos do ‘ladroão’. De fato, naquela noite, que estava muito fria, o caldeirão havia sido dependurado em um prego mais próximo da porta e o invasor bateu a cabeça num dos pés do caldeirão.

O acidente, longe de criar desavenças, contribuiu para uma aproximação ainda maior dos ‘brancos’

como os ‘índios’, que sempre perambulavam pelas matas ao redor das roças dos colonos. Viviam em relativa harmonia.

A Fermínia conta que, aos domingos, iam de carro-de-boi para a missa na igreja de Jaguaruna. Saíam bem cedo e retornavam no meio da tarde. A água da chuva descambava ladeira abaixo carregando até as pedras do chão e abria valetas fundas nos carreadores abertos a picareta, por isso, ficava bastante difícil descer a serra a pé. Às vezes, o pai da Fermínia estancava a marcha dos bois para “deixar um bugre atravessar a estrada em paz”, logo à frente deles. Ela, então menina curiosa, ficava olhando para a nudez do silvícola.

Em 2005, nós fixamos residência na ‘Sanga Grande Baixa’ e muitas pessoas transitavam a pé pela estrada aqui em frente. Uma delas, a D. Maria, que passava acompanhada das filhas e/ou das netas. Se estivéssemos trabalhando na horta, nos chamava e pedia sementes e mudas de plantas. Agia com naturalidade, sem constrangimentos. O que, na gíria, é tido com cara-de-pau. A semente que mais procurava era de almeirão-pão-de-açúcar. Na viagem seguinte, trazia e nos dava, ela também, algumas sementes e estacas para plantar.

Maria cultivava e usava ervas medicinais para prevenir e tratar distúrbios da saúde. O filho dela – Rocheland – continua catando, plantando e buscando folhas e raízes ‘pra curá dos pobrema’.

IRMÃOS NÃO-IRMÃOS

Rita soltava gritos de alegria e agitava os braços em direção ao pequeno pássaro de plástico colorido que balançava pendurado por um fio. Segurava na mão direita um coelhinho verde claro com tons de branco nas covas das orelhas. De quando em quando, aquietava e, segurando o brinquedo com as duas mãos, mordiscava as orelhas de plástico para coçar as gengivas em que os primeiros dentes forçavam saída.

O berço ainda era seu mundo. Passava as horas se entretendo com tudo que se movesse ao alcance de seu olhar. Depois, na escuridão do sono, revia as luzes e as cores dos brinquedos, das paredes, das frestas de céu e das árvores que via pela janela.

Porém, mais que as imagens, os sons despertavam nela viva curiosidade. Vozes conhecidas, como as da mãe e do pai, barulhos que se repetiam diariamente e o cantar dos pássaros no quintal. Dentre os cantares, os que mais apreciava eram as cantigas de ninar e uns que entravam pela janela, vindos sempre da mesma direção, em geral, durante a manhã, às vezes, durante a tarde e, raramente, durante a noite. Os cantos vespertinos e noturnos eram mais agudos, como se fossem alertas, pedidos de socorro.

Veza em quando, Rita ganhava a liberdade de sentar sobre uma manta estendida no assoalho. Aos poucos, começou a explorar o espaço aberto. Depois de se espichar para alcançar um brinquedo que caíra para além do alcance do braço, percebeu que o assoalho não tinha ‘cercas’ como as do berço, onde nem poderia virar o corpo. Do berço, ela via as mesmas paredes, porém, nem imaginava tentar ir até elas.

Por se sentir livre, aproveitou a liberdade para deitar de bruços. Sentiu que era bem diferente de permanecer deitada sobre as costas. Diferente, sem ser melhor. Mas...ao se apoiar nas mãos para descolar o rosto da manta, ergueu e empurrou o corpo para trás, ficou de quatro. Repetiu o exercício algumas vezes e concluiu que era muito bom.

E poderia ser ainda melhor. Firmou a mão um pouco à frente e arrastou uma das pernas. Depois, moveu a outra mão e a outra perna. apoiou-se nas mãos, arrastou as pernas, ... gatinhou, enfim.

Ampliava seu mundo. Porém, as paisagens continuavam menores que seus interesses e o canto dos pássaros continuavam vindo de um lugar que não via. Rita se sentia atraída pelos cantos; principalmente, por aqueles mais fortes, vindos sempre da mesma direção.

No dia em que foi levada no colo a passear pelo quintal, ouviu de perto uma melodia e conseguiu ver quem cantava: era bem parecido com o passarinho dependurado sobre o berço, mas... movia as asas e o bico.

Foram adiante e lhe mostraram as galinhas. Soube que eram galinhas porque lhe disseram que eram galinhas. Eram passarinhos muito grandes e pareciam assustados com a presença dela. Naquele momento, Rita se apaixonou pelas galinhas.

Passaram-se os meses e Rita começou a andar com as próprias pernas. Primeiro, só até a cerca colocada na porta para impedir que ela fugisse para o quintal; depois, quando já conseguia equilibrar o corpo e andar sobre as irregularidades do pátio, até correu na vã ilusão de que poderia pegar os passarinhos.

Tendo a liberdade de explorar o quintal, ia até a tela que prendia as galinhas e ficava falando com elas, que, no início, assustadas respondiam aos gritos, muito diferente do que as pessoas falavam. Ela também, só falava repetições de dizeres incompletos. Esse passou a ser seu divertimento preferido: a casa das galinhas.

Num final de tarde, foi com a mãe recolher os ovos que estavam nos ninhos. Rita lembrou que, na cozinha, havia muitos ovos semelhantes e quis saber se todos tinham sido levados dali. Daquele dia em diante, galinhas e ovos passaram a ter uma relação entre si.

Rita já corria com desenvoltura, pulava e até subia nas árvores quando cismou com uma galinha que passava o dia todo no ninho e, ao invés de cantar, parecia que chorava. Perguntou ao pai, que lhe disse que ela estava choca. O que seria estar choca? Por que ela chorava?

Parecia ser uma coisa muito importante, porque os pais prepararam um ninho dentro de uma gaiola, com palhas bem limpas e muitos ovos. Além de visitar várias vezes ao dia o cercado e a casa das galinhas, Rita passou a espiar por uma fresta a galinha choca, sempre muito silenciosa e compenetrada.

Passadas três semanas (Rita aprendera a contar os sábados que passavam...), ela encontrou a choca muito agitada, conversando uma conversa muito estranha e enfiando a cabeça pelo meio das penas, como quem mexe com algo dentro de uma gaveta.

Correu, então, contar aos pais o que vira. Eles disseram que os pintinhos estavam nascendo. Pintinhos? Nunca tinha ouvido essa palavra... O que seriam pintinhos? Naquele dia, Rita soube e foi difícil exigir que se afastasse de perto deles, para almoçar, tomar banho e ir dormir. Viveu dias de agitação.

Quando conseguiu aquietar, viu que havia algo diferente. Ou, até mais: os pintinhos eram muito diferentes um do outros; de cores diferentes, alguns eram menores, outros maiores, alguns mais quietos, outros muito agitados, um deles, muito curioso.

Foram dias acompanhando a nova família, os pequenos correndo pela gaiola, aprendendo a comer e, depois, correndo para baixo da choca, chorando de frio. A choca falava com os filhos e eles pareciam entender; Rita se esforçava para entender...

Os pintinhos cresceram bem rápido, as penugens foram cobertas por penas mais firmes e as cores foram diferenciando um do outro. Rita olhava sem

entender: só um se parecia com a mãe, que era preta. Tinha pinto branco, pinto carijó, pinto vermelho, pinto amarelo, pinto de duas cores, pinto de três cores, ... Tinha até um sem penas no pescoço e um sem rabo, que o pai chamava de Suro, porque ele não tinha penas no lugar do rabo. Ah! Um deles tinha penas até os pés. Deveriam ser todos da cor da mãe, pensava Rita. Perguntou ao pai e perguntou à mãe e eles disseram que era assim mesmo. Não podia ser; deveria haver uma explicação...

Passados seis meses, nenhum deles se parecia com o pintinho do primeiro dia; foram mudando de penas, de tamanho e até de comportamento. Uns ficaram grandões e briguentos; o pai disse que esses eram galos.

Bem mais devagar que os pintinhos, Rita também foi crescendo e, de certa forma, trocando de cor, pois sempre ganhava novas roupas de outras cores e de outros tipos. Começou a frequentar a creche e, depois de se acostumar no meio daquelas crianças, percebeu que eles eram muito diferentes um do outro, mesmo que o uniforme fosse o mesmo.

Depois do jantar, revelou aos pais a descoberta. Disseram que cada um era parecido com o pai ou com a mãe dele; como não eram irmãos, normal que fossem diferentes. Tudo bem! Os pais deveriam saber mais que ela... Mas... os pintinhos eram irmãos e também eram diferentes um do outro... Os pais sorriram entre si e explicaram: nós escolhemos um ovo de cada galinha que vive no galinheiro e os pintinhos, que hoje já estão bem grandes, ficaram

parecidos com a mãe deles. Ué! Então, a choca preta não era a mãe de todos eles?

Rita ficou indecisa e aquietou por uns dias. Observava os galináceos e observava os colegas de creche. Concluiu que não eram irmãos. Todavia, galináceos e crianças se comportavam como se fossem irmãos. Desistiu de interrogar os pais sobre essas grandes dúvidas.

Os frangos viraram comida da família e as frangas imitaram as galinhas indo uma vez por dia botar um ovo no ninho coletivo. Rita cresceu, frequentou escolas cada vez maiores, com alunos muito diferentes entre si. O mundo de Rita tinha virado um mundão, ela aprendera muitas coisas, mas, a dúvida permanecia: uma família poderia ser formada de irmão e de não-irmãos?

Foi quando ela descobriu que um colega de sala era ‘filho de criação’. Então, havia filhos criados e filhos de criação? Ficou com vergonha de perguntar para os professores e nem pensava perguntar isso para os pais. Precisava resolver essa questão sem a ajuda de gente grande...

Você quer ajudar a Rita a resolver esse enigma? Que tal cada um de vocês pensarem como isso acontece, por que irmãos, mesmo filhos do mesmo pai e da mesma mãe, podem ser tão diferentes entre si?

Escrito das 18 às 20 horas do dia 17.04.2023.

NOITADA CARIOCA

O curso de duas semanas no Rio de Janeiro abria oportunidades para realizar as fantasias de malandro do recatado funcionário que trabalhava numa pequena cidade em que o povo era muito moralista, conservador, antiquado e reacionário. Lá no interior, tudo era visto e os comportamentos libidinosos poderiam acabar com a carreira dele e, até mesmo, ele teria que migrar.

Os pais, a esposa e o chefe – nessa ordem – mantiveram vigilância atenta sobre o comportamento dele, exigindo uma conduta moral exemplar, uma vida imaculada. Ele próprio já havia se tornado moralista e um crítico exacerbado de todo e qualquer deslize moral. Logo, as fantasias só poderiam ser tentadas no ‘estrangeiro’. Lá, ele poderia ser devasso por alguns dias.

No entanto, faltavam ao anti-herói as percepções e as diplomacias necessárias para realizar os sonhos eróticos. Chegando ao Rio de Janeiro, continuou ensimesmado e pudico como sempre o fora. Nada de se informar sobre oportunidades ou opções na Cidade Maravilhosa. Participou normalmente dos dois primeiros dias de curso, sem dar mostras de

segundas intenções. Saiu para jantar com os colegas e se trancou no quarto para curtir os luxos do hotel.

Porém, na quarta-feira, três colegas de curso convidaram para passar num bar que sempre era badalado pelos programas de televisão. Diziam que o estabelecimento era frequentado por poetas, sambistas e atores famosos. Ficava um pouco distante. Mesmo assim, valeria a pena, pois, era uma oportunidade rara para eles.

No final da tarde, lotaram um taxi e foram cantarolando alegremente em busca da sorte. Logo de chegada, perceberam que o bar era semelhante a muitos bares lá do interior ou bares de cidade grande. Afinal, as grandes ideias podem ser copiadas rapidamente e até com melhorias. As paredes e as mesas eram menos vistosas do que pareciam na televisão e os garçons muito menos servis. Mesmo num bar de malandro carioca, eles continuavam sendo os mesmos capiaus provincianos.

Pediram bebidas e alguns petiscos e foram aumentando a conta até que a noite acendesse as luzes da boemia, pois – isso eles não sabiam – malandro que é malandro sai de casa depois das dez. Quando a conta a pagar já excedia o valor das verbas-alimentação previstas para as duas semanas, começaram a aparecer algumas das personalidades badaladas pela televisão e, principalmente, muitas mulatas sorridentes.

Foram reconhecendo os poetas, sambistas e atores que iam entrando, porém, eles brilhavam bem menos do que nas telas e nos monitores. No geral, eram esqueléticos, cansados e sem graça. Além do que nem olharam pra cara dos matutos. Mesmo assim, continuaram bebericando e roendo petiscos. E aumentando a conta.

Passado o horário alvissareiro das vinte e duas horas, constataram que ficar por ali seria apenas desperdício de dinheiro e pediram a conta. Depois de levar um susto e de gastar toda a verba-alimentação, estavam prontos para embarcar num taxi para voltar ao hotel. Três deles estavam decididos a encerrar o expediente noturno. Menos o nosso anti-herói, que continuava sentado e com os olhos fixos no sorriso de uma jovem alegre que piscava pra ele de uma mesa lá do outro lado da penumbra.

Os colegas tentaram quebrar a magia e arrancá-lo do encantamento, mas, ele se manteve firme no propósito de convidar a morena para um drinque e, quem sabe, para uma noitada inesquecível. Ficaria por ali mesmo. Eles que fossem para o hotel sem preocupação com ele, que era adulto, vacinado e dono do próprio nariz. E eles foram descansar para a jornada seguinte.

Terceiro dia de curso. Novos assuntos, novos conteúdos, muitas explicações, ... e aquele colega estava atrasado e ainda pensavam nele. Pensaram um pouco. Depois, assistiram a um vídeo muito

interessante e trabalharam em equipe e esqueceram completamente do boêmio temporário.

Veio o horário do almoço, uma caminhada pela quadra, um relax e a volta pra sala de aula, para continuar a aprendizagem necessária ao bom desempenho funcional. Deles. Mas, aquele colega estava exagerando. Tudo bem que tivesse perdido a manhã após uma noite memorável ... Porém, dormir o dia todo por conta do desgaste noturno estava parecendo demais. Comentaram entre si e combinaram telefonar para o hotel pedindo que acordassem o dorminhoco.

Da portaria do hotel, informaram que o hóspede não estava nos aposentos. Voltaram a telefonar e, diante de tanta insistência, o gerente mandou pesquisar e descobriu que o homem não havia tomado o ‘café-da-manhã’. Mandou um mensageiro para o quarto e ficou sabendo da camareira que o hóspede não havia pernoitado ali. Receberam essas notícias e passaram as informações para os responsáveis pelo curso: o aluno havia sumido, estava desaparecido.

O curso então passou a ser um evento secundário, diante da gravidade da situação. Um deles foi até o bar famoso, onde não sabiam nem mesmo que eles tinham estado lá. Telefonaram para a polícia, que também não sabia da existência deles, do curso, do bar e de tudo o mais.

Hospitais. Sim. Pode que ele tenha sido atropelado na rua, pois pouco conhecia da Cidade Maravilhosa. Acidentes acontecem. Nada. Aquele nome não constava de nenhuma ocorrência policial ou das listas de internações hospitalares. Ninguém sabia da existência dele. Mesmo assim, deixaram os números de telefone para contato e o pedido de que fossem informados de qualquer situação que pudesse oferecer pistas do paradeiro do colega desaparecido.

Faltando apenas alguns minutos para o encerramento do dia letivo, a Direção do Instituto recebeu a informação de que, em determinado hospital, estava internado um homem com as características descritas; que ele chegou sem documentos, não falava, mas, que estava se recuperando bem.

Tomaram mais um taxi e correram pra lá. Dada a gravidade da situação, foram autorizados a entrar, mesmo não sendo horário de visitas. Subiram as escadas e entraram na enfermaria indicada. Aparentemente, ele não estava lá; as pessoas visíveis eram bem diferentes. Mas, num dos leitos, coberto inteiramente por um lençol branco, dava de perceber a presença de um ser com respiração, ainda. A enfermeira disse que ele estava muito abatido e não queria mostrar o rosto, por isso o lençol sobre a cabeça.

Chamando pelo nome, falaram com ele. Continuou impassível. Talvez estive envergonhado

de alguma desfiguração facial? Não, disse a enfermeira. “Ele apenas não quer ser visto aqui.” Talvez não fosse ele... Contudo, precisavam saber definitivamente se era. Então, pediram para a enfermeira que descobrisse o rosto do ‘paciente’, mesmo contra a vontade dele.

Era ele. E não parecia machucado ou doente. Olhou furtivamente para os colegas e voltou a puxar o lençol sobre o rosto. Foi um custo fazê-lo falar. Mas, falou. Com voz sumida, acanhada. Mas, falou. Primeiro, pediu que não contassem nada para a esposa, para a família, para os amigos, para os colegas, para os inimigos, ... Enfim, era um segredo necessário para a sobrevivência social dele.

Disse que não tinha medo de morrer, que estava bem, que deveriam deixá-lo ali, que não deveriam estar preocupados. Que não foi nada e que tudo iria passar. Queria continuar internado como um indigente sem documentos e, principalmente, que não mencionassem o plano de saúde, pois queria continuar internado pelo SUS.

A enfermeira, entretanto, já tinha comunicado à chefe que estavam lá alguns homens que – parecia – conheciam muito bem o anônimo. E o hospital preferia contar com a garantia de um bom plano de saúde a ficar meses aguardando os parcos pagamentos do SUS. Por isso, eles foram arrastados para a secretaria e pressionados a prestar informações fidedignas sob forte ameaça de denúncia à polícia.

Eles concordaram, com a condição de fosse respeitada a vontade do colega e que fossem informadas as causas da internação. Souberam então da desgraça que vitimou o homem e prometeram voltar ali nos dias seguintes para resolver a situação.

E assim fizeram. Chegavam, contavam detalhes do andamento do curso e garantiam o apoio incondicional da turma, que guardava sigilo absoluto sobre a tragédia. Igualmente, evitavam falar dos motivos da internação, deixando para o paciente o direito de falar sobre as causas quando ele sentisse a necessidade de falar.

E isso aconteceu no domingo. Os médicos dariam alta para o paciente, que já estava recuperado do susto e não contaria mais com a cobertura do plano de saúde. Ele estava um pouco mais confiante e precisa da ajuda dos colegas para permanecer no Rio de Janeiro, sem precisar voltar para a sala de aula. Não queria a compaixão e, muito menos, a ironia dos colegas e dos professores. Pagaria todas as despesas; queria permanecer no hotel até a sexta-feira, voltando para casa como se tivesse participado normalmente do curso.

Para conquistar essa convivência e a garantia de segredo, contou o que aconteceu depois das vinte horas daquela terrível terça-feira.

Tão logo os colegas voltaram para o hotel, o anti-herói levantou-se e foi até a mesa daquela mulata

provocante. Pagou um drinque e recebeu um convite para ‘dar uma voltinha no escuro’.

Ele pensou: “Bom mesmo se eu pudesse levar esta beldade pro hotel e rolar com ela naquela cama imensa...” Porém, estavam com pressa (ela também parecia ofegante, ansiosa por prazer). Por isso, chamou o garçom, pagou as contas (a dela também...), saíram do bar e entraram no primeiro beco à direita. Para sorte deles, não havia iluminação pública ou movimento de pessoas. Tudo quieto e escuro.

Nem precisaram caminhar muito. Ao contrário: haviam dado apenas alguns passos quando deram de cara com um grupo de malandros que bateram nele e tiraram tudo o que ele tinha. Inclusive a roupa. Ele estava ainda paralisado de susto, quando foi agarrado e estuprado... várias vezes. Inclusive, pela morena sensual que conheceu no bar.

INSETO TRANSNACIONAL

Alguém questionou a capacidade técnica do professor Arnaldo de Geografia, denunciando que ele não preparava as aulas, não tinha plano de aula e que os alunos nada aprendiam.

No dia seguinte, uma equipe da supervisão de ensino chegou à escola de supetão e pôs a diretora Avani em polvorosa. Reação imediata, ela mandou alguém levar, para a sala de aula em que deveria estar naquele horário o professor, um guarda-pó que estava pendurado na sala dos professores e um mapa da Europa, como se fossem pedidos de professor de outra sala de aula.

Ao receberem os ‘materiais didáticos, os alunos ficaram sabendo, por telepatia, que algo iria acontecer, além da chegada do professor que ainda batia chinelos ladeira acima para chegar pouco atrasado. O guarda-pó foi colocado sobre o espaldar da cadeira e despertou curiosidade, pois nunca tinham visto o geógrafo com tal paramento.

Mas, mapa eles conheciam e adoravam viajar mentalmente pelos hemisférios. Por isso, estenderam a Europa no chão da sala e começaram a bisbilhotar os nomes de cada pedaço colorido da carta gráfica.

Nisso, assomou à porta a diretora acompanhada da comissão julgadora, perguntando pelo mestre. “Foi buscar giz” – falou um aluno, pouco antes do Arnaldo entrar com o rosto suado.

Entrou e, percebendo a inquisição, vestiu o guarda-pó da colega bem mais miúda que ele. O mestre ficou literalmente ‘ensacado’. Assim mesmo, assumiu o comando pedagógico da turma que estava debruçada sobre o Mapa da Europa.

Colocados em cadeiras no fundo da sala, o inquiridores acompanhavam a aula, anotando tudo em suas pranchetas. Alunos entusiasmados, formulando muitas perguntas; professor com conhecimento histórico-geográfico, interagindo com moderação, vez em quando, apontando com o dedo os deslocamentos das fronteiras nacionais motivados e forçados pelas guerras. A produção de interesse e de motivação foi tanta que até os ‘policiais pedagógicos’ se levantavam para ver, por cima das cabeças movediças dos alunos sobre o mapa, se as informações verbais estavam de acordo com as informações gráficas.

A aula por si só já fluía numa dinâmica cheia de energia. E, aí, a Natureza entrou com sua colaboração: um piolho escorregou dos cabelos de um aluno e caiu sobre a Alemanha.

Aproveitando o ‘recurso didático’, o professor Arnaldo desafiou os alunos a narrarem a viagem do inseto anopluro sobre a Europa deitada no assoalho

da sala de aula. “Saiu da Alemanha, passou por Praga na Tchecoslováquia, subiu para a Polônia, resolveu voltar para a Ucrânia, talvez estivesse evitando ir pra Rússia por causa do frio, ...”

A turma estava no auge de envolvimento didático quando soou o estridente sinal eletrônico determinando o fim da aula. Os alunos soltaram muitos protestos pela interrupção arbitrária da viagem do piolho e os auditores pedagógicos suspiraram antes de anotar os últimos elogios ao mestre espremido dentro em um guarda-pó rompido na parte posterior das axilas.

ARMÉRICO VALENTONE

Berrou forte tão logo meteu a cara pra fora comprovando ser filho-macho. Batizaram logo no segundo dia, para garantir que entrasse no céu, caso viesse a perecer de quebranto. Registrar, não carecia de pressa; bastava declarar que nascera naquela semana e estariam livres da multa. Na pia batismal, recebeu o nome de Armérico, uma invencionice do avô, que foi também o padrinho. No cartório, acrescentaram Valentone, para garantir a herança familiar.

O bebê vigoroso sugava o leite materno com avidez, por isso, cresceu rápido, em tamanho e em vivacidade. Com todas as atenções e com todas as regalias, logo assumiu o comando do quarto; choramingava a qualquer desejo despertado e aprendeu a impor sua vontade. No início, anunciando fomes, frios, calores e cólicas; e, depois de desenvolver artimanhas, comandando os pais, os tios, os avós e as visitas.

Com todos esses incentivos, sentiu a necessidade de falar antes da idade prevista. Porém, manteve-se na comodidade dos colos e dos berços; ao invés de se esforçar para gatinhar ou para se pôr em pé, preferia

ser carregado de um lado para o outro, conforme quisesse ir ou voltar. Afinal, estavam todos a serviço dele.

Ao término do Século XIX, a burguesia mundial havia esgotado a Mãe-terra nos espaços em que vivia e navegava em busca de novos paraísos a explorar. Os burgueses invadiam continentes, dominavam populações autóctones e desmatavam sertões. As terras ‘vazias’ deveriam ser desbravadas e os selvagens deveriam ser eliminados. Além de saquear as riquezas, disseminavam a fé cristã. Começavam depositando o próprio sêmen em úteros disponíveis ou estuprados.

Evangelizavam os nativos com mitos de supremacia branca e de céus compensatórios para a violência ‘necessária’ para salvar suas almas e ‘branquear’ suas descendências. Para as esposas que permaneciam além-mar, justificavam as crueldades ‘colonizadoras’, com discursos de que dominavam povos selvagens, ‘sanguinários’, e que as riquezas inesgotáveis eram direito divino dos ‘povos cultos’. Consideravam que aqueles povos pacíficos e satisfeitos com o estado em que viviam eram apenas bandos de selvagens ‘sem cultura’, hominídeos primitivos, estúpidos e sem alma. Não eram ‘filhos de deus’.

Desbravar, dominar a braveza e a ferocidade dos aborígenes? Violentos seriam os povos nativos

invadidos pelos ‘civilizados cultos’ de mosquetão em punho? Os nativos deveriam ser domesticados?

O menino nasceu numa dessas áreas invadidas e colonizadas por imigrantes, em que a natureza e os nativos eram considerados meros objetos de exploração. A ideologia dominante rezava superioridades machistas e europeias; os colonos andavam armados e dominavam a família, os agregados e os demais animais, com ameaças... às vezes, consumadas a tiros.

Armérico recebeu e assumiu o papel de primogênito. Ao passar pela puberdade, abandonou as brincadeiras infantis e procurou o convívio com os ‘homens’. Adotou a macheza como atitude e se lançou a desafios malucos que pudessem ser contabilizados como provas de valentia.

O rapaz fez sucesso diante das moças casadouras, que viam nele um bom defensor da futura prole. De beijo em beijo, a juventude amadureceu em ‘idade de casar’; casamento realizado com estardalhaço e farto banquete.

Abençoados por Deus, assumiram as responsabilidades conjugais: ela, cuidando do matrimônio; ele, do patrimônio. Logo, acumularam filhos e títulos de posse de terras, além de crescente rebanho de gado. Negociante esperto, o Armérico ‘sabia’ comprar e ‘sabia’ vender com bons lucros. Comprava equinos, muares e armas. Escolhia para si

sempre o que encontrasse de melhor: a melhor montaria, os melhores arreames e as armas mais vistosas e potentes. Além de ‘dar na vista’, a garrucha tinha de conseguir abrir uma tábua ao meio com apenas uma bala.

Todas essas exuberâncias continuaram convivendo com os choramingos dos tempos de bebê. Lamentava qualquer desconforto, gritava por mínimas dores. Era tão melindroso a ponto de a esposa exclamar vez em quando: “É um chorão. Se tivesse parido a menina, que nasceu miúda, teria berrado mais que eu ao parir os oito guris, que vieram bem taludos.” Para o trabalho, demonstrava a mesma fragilidade. E retrucava: “Eu trabalho com a cabeça.”

De fato. Com as duas. Sabia mandar e apresentava bom desempenho sexual, dado estar sempre descansado. [Trabalhar com a língua cansa pouco.] O fanfarrão insolente alardeava coragens aparentes, ameaçando os tímidos que não reagissem. Calava, no entanto, diante de destemidos que enfrentassem as provocações. Suas bravatas se diluíam ao mínimo questionamento. Quem conhecia as ladainhas de cor nem lhe dava atenção. Agia como os leões: machos que rugem enquanto as fêmeas caçam as presas que eles devoram.

Com o tempo, o mito se estabeleceu e todos conviviam em paz. Armérico emprestava parte dos lucros a juros exorbitantes, que aumentavam ainda mais seu ‘capital de giro’. A filha ajudava a mãe na

cozinha e os oito filhos-machos tomavam conta da fazenda, assumindo todas as tarefas braçais. A mãe administrava o lar; o pai ganhava dinheiro e provia as despesas.

Armérico Valentone era por demais conhecido e respeitado. Ao menos, evitado.

Dentre os hábitos masculinos da época, estava a participação da beberagem em frente ao balcão da bodega. Ali se reuniam ‘os homens’ nos finais de tarde para papear e contar vantagens. Enquanto bebiam... e se embebedavam. Saíam dali quando o sono já competia com a embriaguez.

Armérico comandava a saída. Tropeçando nos próprios pés, descia os degraus de madeira e ziguezagueava até a mula marchadeira. Ensaíava a subida até o lombo da montaria. Uma vez montado, era levado para casa, mais por sede da mula que por comandos do dono. Chegando, escorregava para o chão e, se o porre permitisse, desencilhava a infeliz companheira. Caso contrário, a mula passava a noite sob os arreios e com o freio travando a boca. Na manhã seguinte, um dos filhos soltava a mula para que saciasse a sede e amainasse a fome.

Naquele dia fatídico para a mula, o Armérico, ao sair da bodega, tropeçou e trombou na paciente cavalgada, que se assustou e deu dois passos para o lado. O suficiente para que o bêbado escorresse para debaixo dela. Presa pelo cabresto, a mula girou noventa graus, como se fosse o ponteiro do relógio

ao avançar quinze minutos. Ergueu as patas e deslocou a traseira sem pisar no dono.

Mesmo assim, o cavaleiro considerou que a mula havia desobedecido e aplicou bons tapas na cara dela. A vítima ergueu a cabeça para fugir das agressões. E isso aumentou a ira do bêbado... que apontou o revólver trinta-e-oito para a cabeça do animal e disparou duas balas mortais.

O corpo da mula caiu num baque, enquanto que a cabeça ficou pendurada pelo cabresto.

Armérico Valentone ainda bramia sem perceber que matara a montaria e que teria de caminhar os quilômetros que ela deveria percorrer com ele no lombo. Voltou à bodega para solicitar que alguém o transportasse para casa. Porém, a porta estava trancada e os colegas de noitada havia fugido com medo dos tiros.

TUBA-NHARÕ

Sentado sobre a pedra, Tuba-nharõ comandava a captura de peixes. Na luta para se livrar da morte e para poder voltar às águas onde moravam, as traíras cravavam os dentes nas mãos dos predadores. Os dentes pontiagudos abriam lanhos por onde escorria sangue. Porém, nenhum dos comandados ousava reclamar das dentadas doídas ou do frio da água.

A fome de Tuba-nharõ sempre fora insaciável; ele queria comer muitos peixes e pouco se importava com a morte dos animais ou com o sofrimento dos caçadores. Quando considerasse que a quantia de peixes fosse suficiente para comer durante dois dias, ordenaria que carregassem a colheita para o toldo dele e dispersaria os comandados com alguns berros e insultos.

Nenhum deles tinha coragem de reclamar dos cortes nas mãos ou dos pés doloridos e, muito menos, de ir para seu barraco com fome e sem um peixinho, mesmo que miúdo. Todos sentiam raiva, principalmente, porque Tuba-nharõ nem molhava os pés e ainda reclamava com estupidez. Todavia, cada um guardava essa revolta com resignação.

Era assim também quando encontravam frutas maduras, abatiam um pássaro ou caçavam uma capivara: sem ajudar, Tuba-nharõ tinha todo o tempo só para vigiar os outros, para saber se

estavam colhendo alguma coisa para comer ou procurando caça.

Se uma cunhã tecia uma esteira ou preparava cauim, Tuba-nharô já estava de olho e exigia que entregasse tudo para ele. Para não sofrer os insultos e as maldades do atrevido, todos entregavam o que ele exigia.

Tuba-nharô não construía oca para si e, muito menos, para os outros: ele ‘mandava’ os outros construírem para ele... Construir, aumentar, reformar ou mesmo construir uma oca diferente, porque tinha visto uma assim em algum lugar. Mandava e, se não estivesse satisfeito, despejava impropérios sobre os infelizes, que deveriam se manter calados, enquanto cumpriam as ordens, às vezes estapafúrdias. O tirano impunha a vontade dele pelo uso sistemático do terror.

Logo depois que passou pelo ritual da adolescência, estendeu o olhar e a dominância sobre toda a aldeia. Queria mandar em tudo e em todos. Além da arrogância juvenil, desenvolveu habilidades políticas para tirar proveito da vida coletiva da tribo. Logo percebeu que a estratégia terrorista poderia render bem mais que trabalhar como as outras pessoas. Por isso, ameaçava os que se assustavam com calúnias, insultos ou planejadas explosões de ira.

Assim, as pessoas humildes e ordeiras, que preferiam dialogar e, até mesmo, sair perdendo do que agirem com estupidez como ele, eram alvo preferido de Tuba-nharô, com chacotas e frases

humilhantes, principalmente, em público, quando a maioria dos presentes já tivessem sido assustada por suas tiranias.

Por outro lado, como passava o dia inteiro atento ao que os outros pensavam ou falavam, era o primeiro a ouvir as novidades, as imoralidades e as boas ideias. Então, imediatamente, procurava as pessoas mais influentes, o pajé e o cacique, demonstrando que ‘ele sabia tudo’, tanto das notícias, quanto dos erros e do que deveria ser feito em cada situação.

Todos tremiam de medo de serem pegos em pequenos delitos ou em aventuras, porque Tuba-nharõ não perdoava: com palavras venenosas, alardeava segredos. E, se alguém inventasse alguma coisa ou descobrisse onde poderiam encontrar comida farta, o linguarudo corria contar a todos e, em especial, para quem tivesse algum poder.

Durante as tempestades de impropérios, esperava que os martirizados baixassem os olhos e permanecessem calados. Porém, se alguém ousasse olhar diretamente para ele, arregalava os olhos, dilatando as pupilas e deixando as íris esverdeadas como diminutas esferas na branca esclerótica manchada pelo vermelho das arteríolas reveladoras do espírito sanguíneo do raposo. Nessas demonstrações de poder demoníaco, erguia a cabeça, eriçava os cabelos desgrenhados e pisava sem rumo, socando o chão.

O comportamento agressivo e a constância dos atos de terrorismo garantiam ao déspota uma

liderança aparente sobre a maior parte da tribo; dominava os jovens, os indefesos, alguns adultos e, até, parte dos guerreiros que viam, no comportamento dele, lampejos de coragem, astúcia e muita manha.

Consciente de que seria obedecido, planejou mandar construir uma grande oca para reunir os jovens nos dias chuvosos ou durante a noite, à luz da fogueira central. Ali, poderiam brincar, comer ou festejar por mais tempo e livres da chuva ou do sereno, sem a presença incômoda dos desafetos. Além dessas utilidades imediatas, Tuba-nharô planejava realizar cerimônias tribais nesse barracão, jamais imaginado ou construído pela tribo.

Sem ouvir a opinião dos cupinchas ou dos chefes, escolheu um terreno na beirada da aldeia, alto e plano, de onde a água escorresse com facilidade. A ideia estava só na mente dele; não contou do plano, mandando apenas que cumprissem as ordens sem perguntar o porquê.

Encarregou os que conheciam madeiras que fossem à floresta, cortassem dois grandes troncos retos que terminassem em forquilha e deixassem à vista dele para avaliar se serviam para sustentar o sigiloso empreendimento, ficados na terra a uma distância de vinte passos um do outro. Mandou ainda que encontrassem, derrubassem e trouxessem uma vara longa e rija de mais de vinte passos de comprimento, que serviria de cumeeira.

Deveriam trazer também muitas estacas com forquilhas que tivessem, no mínimo, o dobro da

altura de um homem. Tuba-nharô previa fincar essas estacas na terra ao redor de um amplo pátio, que seria coberto por um toldo de folhas de palmeiras jerivá e juçara. Os troncos de juçara deveriam ser rachados ao longo do comprimento para servirem de ripas.

Tuba-nharô trabalhava muito... com a boca. Só trabalhava com a língua. O trabalho dele era mandar. Se fizessem o que ele mandava, ironizava, menosprezava, ... E, se não fizessem, reclamava, gritava, agredia, ...

Enfim, o imenso barracão foi construído pelo trabalho forçado de muitos, sob o olhar severo e debaixo da atenção redobrada do algoz que usava a 'língua afiada' como açoite.

Os anciões pensaram que poderiam descansar ali nos dias de sol inclemente e durante as chuvaradas de inverno; os curumins imaginavam mil brincadeiras naquela ocona bem grande; as cunhãs queriam trabalhar ali, preparando bebidas e comidas, tecendo esteiras e redes. Tudo isso sonharam... sem receberem a permissão de Tuba-nharô. O barracão era dele. Só seria usado quando ele quisesse, quando ele tivesse vontade de usar.

Aí, uma ideia maligna começou a se formar na mente do déspota: tirar vantagem com o barracão.

As chantagens através de atos terroristas estavam ficando manjadas e geravam muito ódio. Ódio contido, porque todos temiam as terríveis represálias, os discursos difamatórios em locais públicos ou as artimanhas usadas para prejudicar

suas vítimas. Mesmo assim, ele sabia do ódio de todos e que precisava atemorizar sempre mais para manter os ódios sob controle.

Se ele cedesse a benfazeja sombra do barracão para as cunhãs tecerem esteiras e redes, poderia exigir parte das esteiras e das redes para cobrar ‘o favor’. E, com as esteiras e redes ‘sequestradas’, ele poderia negociar com outros ainda mais vantagens, como se apoderar de pedras ornamentais lapidadas durante muitos dias, abocanhar frutas e caças ou exigir que o comparsa praticasse alguma maldade que ele queria fazer, mas... tinha preguiça e/ou covardia.

Se ele encontrasse, no barracão, um ancião adormecido ou duas anciãs conversando, poderia demonstrar contrariedade ‘por invadirem território dele’, propor barganha de privilégios escusos ou cobrar a submissão deles e, até, que o elogiassem no Conselho de Anciões.

Paradoxalmente, as vítimas se tornavam coniventes com o conluio e cúmplices inocentes coagidos a compulsões indesejadas. Ao consentir com a troca imposta de favores, as pessoas ficavam à mercê das maldades de Tuba-nharô.

Toda vez que desejasse algo ou que quisesse fazer uma maldade, Tuba-nharô apelava para algum constrangimento ou chantagem. Assim, conseguia tudo o que queria e aumentava o poder de opressão e a própria prepotência.

Por um bom tempo, o malvado se satisfazia com o jogo tirânico dentro dos limites do território tribal,

incluindo a aldeia, as áreas próximas e sítios de caça e pesca explorados em determinados períodos. Por um tempo... Depois, se cansou da rotina maldosa e começou perguntar para os sábios e para os guerreiros sobre o que havia para além do território tribal.

Soube, então, que alguns dos anciões tinham, na juventude, perambulado por praias distantes e, até, pelas altas serranias que pareciam intransponíveis. Fazendo de conta que nunca tivesse explorado e ofendido cada um deles, trocou a arrogância por atitudes modestas e se aproximou aos poucos, com pequenas delicadezas e muita conversa falsa.

A troca de pequenos agrados, como elogios, um cocar ou uma pedra colorida, conseguiu seduzir e cativar dois aventureiros de outrora, que, quando jovens, haviam andado muito além dos conhecidos horizontes. Objetos conseguidos através de extorsão, pois, ele nada fazia além de sabotar e usurpar os que de fato trabalhavam, plantavam, pescavam, caçavam, lapidavam pedras, fabricavam cocares, arcos, flechas e utensílios de uso pessoal.

Sem demonstrar admiração, ouviu relatos de longas caminhadas por regiões distantes, de povos que ele nem imaginava, de animais que não existiam por ali. Ouvia, colocava dúvida de veracidade, fingia desinteresse.

Tuba-nharõ subia nas igaras, mesmo sem ser convidado; ele mesmo se convidava. Ou subornava o dono da embarcação. Às vezes, andava pelas margens do rio, pisando as areias pretas, por entre

as ramagens ribeirinhas das margens que alagavam com as chuvas. Como precisava usar pernas e tinha muita preguiça, só conhecia um pequeno trecho do rio e das margens do rio, coagia quem as conseguisse.

Entretanto, para conhecer as maravilhas que ouviu dos aventureiros, teria de muito caminhar, pois, não havia rios naquele rumo e, por mar, ninguém se ariscava, pois sabia dos perigos que afogaram muitos valentes. Teria de caminhar pela praia, escalar paredões de pedra e transpor a nado os rios e as lagoas. Aliás, um dos informantes contou que havia muitas lagoas; algumas muito maiores que as lagoas que ele conhecia.

Tuba-nharô ficou muito interessado pelas grandes baías, ilhas e no mar calmo que diziam ser possível atravessar, até, com pequena uma igara. Imaginou, também, poder comer os peixes grandes e saborosos que poderiam ser apanhados inclusive com as próprias mãos. E o melhor de tudo: pr'aquelas bandas, vivia um povo pálido, bem bobo, que aceitava trocar pedras sem serventia por cordas, fios, lâminas, bacias, pratos, talheres, panelas e, até, por um tipo de esteira bem macia, que eles chamavam de pano.

O espertalhão vislumbrava oportunidade e campo para desenvolver a sua vocação: conquistar poder através de artimanhas ardilosas. Ali poderia usar a estratégia terrorista, pois, diziam que havia poucos pálidos e que todos eram covardes, que choravam por qualquer dor.

De certa forma, o que ele fazia (e fazia muito bem) eram trocas. Sabia barganhar, ludibriar, trapacear, ... Trocava ameaças por vantagens, trocava concessões por adornos, alimentos, arcos, flechas, ... que trocava por mais favores, poderes, submissões. Concluiu: se conseguia lograr os guaranis, que eram muito espertos, com muito mais facilidade, lograria os pálicos.

O preço seria o sacrifício de caminhar pelas praias, trepar penhascos e nadar por rios e lagoas. Depois, poderia navegar sobre o Grande Lago... enquanto os outros remavam. Além de escambar e de aumentar o seu poder até ser aclamado cacique. Assim, resignado dos necessários esforços, coagiu dois jovens guerreiros (submetidos por segredos imorais) a carregarem o essencial para sobreviver durante a jornada e para lograr os pálicos. Ele seguia a pezito, na retaguarda, ordenando coragens e direções. Porém, nos muitos dias andando, os perigos foram poucos e ninguém ameaçou a comitiva.

Nos últimos trechos, passaram por aldeias (de sambaquieiros) em decadência e já encontravam alguns pálicos cobertos de adornos e de 'panos'. Souberam que, na boca do Grande Lago, estavam assentados muitos estranhos, interessados em coisas simples, que trocavam por espelhos, facas finas e panos. Disseram aos três que aquele povo tão diferente se interessava por pedras e seixos, desses que as ondas amontoam nas praias próximas aos locais em que os rios entram no mar.

Depois de atravessarem muitos banhados, chegaram ao Grande Lago que os aventureiros haviam mencionado. Viram umas ocas muito esquisitas e gente barulhenta andando ao redor delas. Imaginaram que seriam atacados e repelidos, entretanto, aconteceu o contrário: acenaram pra eles e gesticulavam convidando para se achegarem. Tuba-nharô, tomado de vaidade, pensou que o tivessem reconhecido, ele, o auto herói.

Ali passaram três dias comendo, bebendo e festejando alegremente. Quando decidiram retornar para a aldeia deles, receberam muitos presentes e pedidos de que retornassem trazendo as coisas que eles queriam.

Durante o retorno por rochedos e por praias, iam comentando o que viram às margens do Grande Lago. Principalmente, a presença de algumas cunhatãs. Concluíram que, se trouxessem algumas cunhatãs da aldeia deles para presentear aos páldos, poderiam beber e comer à vontade e, por fim, receber muitos presentes, como espelhos, facas de ferro e alguns daqueles panos coloridos com que aquela gente cobria o corpo.

Se fossem espertos e mantivessem o segredo, seriam os únicos selvícolas a explorar os páldos. Porém, além de depenar os estranhos das margens do Grande Lago, Tuba-nharô queria lucrar às custas dos dois jovens carregadores que escolheu para o proteger. Para conseguir a colaboração e a conivência dos dois ingênuos, Tuba-nharô prometia vantagens futuras, para quando ele assumisse a

chefia da aldeia. Porém, nem isso era necessário, pois os dois sabiam que o malvado revelaria alguns segredos deles, caso desobedecessem.

Enquanto se aproximavam da aldeia, os três iam listando tudo o que poderiam levar para trocar com os pálidos. Além de levar algumas jovens, poderiam levar papagaios, macacos e daquelas pedras amarelas que os meninos encontravam no fundo dos rios.

Os guerreiros mesmo poderiam ajuntar as pedras, pois, na aldeia, ninguém dava importância pra elas. Com papagaios e macacos, já era mais complicado, porque os bichos selvagens eram ariscos e os mansos estavam sempre na companhia das crianças, que eles precisariam subornar com alguma mentira ou com algum ‘jegua’. Com as mocinhas, tudo ficava bem mais fácil: elas mesmas se ofereciam para ir com eles conhecer aquela gente muito diferente. Seria apenas o trabalho de selecionar duas delas, as mais submissas e menos protegidas pelas famílias. A limitação de ‘sortudas’ criava nas outras uma vontade imensa de serem as próximas escolhidas.

Chegando à aldeia, agiram conforme combinado, descrevendo maravilhas, como as ocas esquisitas e o imenso lago, e mostrando os presentes que ganharam. Porém, usando palavras, caretas e gestos para alertar de supostos perigos ao se aproximar dos pálidos, por serem traiçoeiros e de ameaçarem com armas que soltavam trovões. Óbvio que falava tudo ao contrário pra assustar possíveis concorrentes.

A fama deles, principalmente de Tuba-nharô, cresceu durante alguns dias, durante os quais, eles procuraram fingir indiferença e ir analisando como angariar o que pretendiam barganhar com os pálicos. Para isso, iam oferecendo em troca alguma das novidades que trouxeram do Grande Lago.

Logo que a viagem deixou de ser assunto tribal, eles começaram a preparar uma segunda ida ao Grande Lago. Naquele momento, com mais conhecimento da situação, poderiam evitar algumas mancadas e falar com jeito para despertar a simpatia nos pálicos. Precisavam, também, instruir e treinar as cunhataís, explicando como deveriam tomar cuidado para não se machucarem na caminhada e de como deveriam se comportar com as pessoas de lá. Temiam que elas se entregassem sem serem ‘vendidas’.

Além de ensaiar comportamentos, precisavam selecionar algumas pedras coloridas, papagaios e micos para oferecerem àquela gente coberta de panos, que sentia atração irresistível pelos pequenos animais. Imaginavam que, com essas ofertas mais a presença das mocinhas, conquistariam de vez os chefes de lá.

De fato, a experiência anterior e a ideia de levar as cunhataís rendeu muitos adornos e ferramentas, todos muito valorizados na tribo. As cunhataís ficaram muito alegres com aquelas comidas moles e ‘se divertindo com os pálicos’. E os pálicos pareciam bem contentes com as trocas e propunham ainda mais trocas. Assim, Tuba-nharô e os dois comparsas

iam acumulando entusiasmo, poder e mercadorias para revender.

Depois de abastecer a aldeia de madeira às margens do Grande Lago durante várias luas, Tuba-nharõ recebeu um pedido diferente: o chefe dos pálidos confidenciou que queria ficar com os dois guerreiros que serviam de capangas e de carregadores. Tuba-nharõ percebeu duas ameaças nisso: os dois capachos poderiam contar muitos segredos do trio e ele teria de escolher outros rapazes que fossem, ao mesmo tempo, fortes, saudáveis, coniventes, de confiança e subservientes; escravos por livre e espontânea vontade.

Usando suas altas habilidades para enganar, Tuba-nharõ ‘revelou’ ao chefe alguns defeitos terríveis que os dois carregadores se esforçavam pra esconder. Que o cacique detestava os dois, por serem covardes e suspeitos de atos imorais. Confidenciou ao chefe pálido que, além disso, o pajé foi avisado pelos deuses que os dois carregavam uma doença silenciosa que poderia dizimar a tribo.

Entretanto, disse que queria colaborar. Traria dois outros, conforme o chefe pálido pedia. Em troca, exigia uma daquelas pedras de colocar na cabeça pra proteger de pauladas e pedradas. Riram muito dele, explicando que era um capacete e não uma pedra cavada. Pra ele, pouco importava o nome ou do que fosse feito: em troca dos dois “avás”, queria um daqueles ‘protetores de cabeça’.

A partir daquele pedido, Tuba-nharõ passou a ver os dois carregadores como mercadoria e não

mais como idiotas da tribo dele, dois capachos que ele explorava. Afinal, o pálido via valor em cada um deles.

Essa mudança de conceitos mudou também a relação entre eles. A alegria e a cumplicidade foram substituídas por longos silêncios e por disfarçada hipocrisia. Mas isso, só de início. Pois, Tuba-nharô logo percebeu que, apesar de tolos, os dois carregadores poderiam entender a malvadez do líder. Convinha cativar ainda mais os ingênuos, renegociar as conviências.

A estratégia de Tuba-nharô era contar que os pálidos tinham oferecido trabalho pra eles. Porém, convencer os dois carregadores que a liberdade de ir pra lá e de voltar à aldeia era mais vantajosa: viajando, se divertiam, nem se cansavam, e, lá, deveriam trabalhar nas ocas de madeira, o dia inteiro, todos os dias, sem nem mesmo o direito de caminhar pelas praias. Mergulhados na idiotice, os dois palermas não só ‘entenderam’ a ‘bondade’, como ainda ficaram agradecidos por ter o líder reservado o melhor pra eles.

Assim, a viagem de volta à aldeia, que iniciou silenciosa, acabou em cochichos, para evitar que o vento pudesse ouvir o que falavam.

Ao chegarem à aldeia, encontraram um estoque de prendas pra próxima viagem: os curumins haviam ajuntado pedras, papagaios e micos; as mocinhas haviam organizado uma fila para ‘ir conhecer a aldeia de madeira à beira do Grande Lago’; e os guerreiros fabricaram arcos e flechas pra trocar por

capacetes e por cordas, ‘aqueles cipós compridos que não quebravam ao dobrar’. Tuba-nharô ficou bem satisfeito, pois o negócio prosperava mais rápido que imaginou.

Depois de descansar por três dias, Tuba-nharô voltou a pensar no pedido do pálido. Seria fácil convencer dois guerreiros de cada vez e enganar a dupla com ilusões que os fariam caminhar sem embaraços até a armadilha. Porém, o provérbio rezava que devemos comer primeiro a comida ruim, pra depois saborear a deliciosa, mesmo sem fome. Se vendesse primeiro os jovens sadios, depois, teria dificuldades para vender os menos vigorosos, os aleijados e, mais difícil ainda, seria vender os mais acabados.

Pensando com calma, Tuba-nharô foi organizando uma lista mental que começava com os mais velhos e terminava nos mais novos. Levaria dois inválidos desprezados pela inutilidade deles e por rixas familiares, dizendo ao pálido que deixara de trazer os jovens devido à resistência e às dificuldades que poderiam criar ao se sentirem logrados e pela possível rebeldia durante o trajeto.

Por outro lado, espalhou pela aldeia e arredores que os pálidos ofereciam estadia lá na aldeia deles, assim de graça, só pelo prazer de receber visitas. Logo, apareceram interessados em ir ‘passear no Grande Lago’ e Tuba-nharô tratou de colocar condições e de impor a vontade dele. Afinal, se sentia cada vez mais poderoso. Até o cacique estava

preocupado com a ascensão do escambeiro que poderia dizimar a tribo.

A primeira viagem a cinco pessoas foi mais silenciosa que as anteriores. Os ‘novatos’ caminhavam curiosos do que viam e preocupados com as dificuldades do caminho; os carregadores cochichavam entre si sobre as admirações e sobre os temores dos escolhidos; Tuba-nharõ controlava a língua para que só falasse comandos e dissimulações.

Os dois escravos (que ainda nem imaginavam que seriam vendidos) ficaram fascinados com a aldeia de madeira, com a alvura da pele das crianças e com as comidas temperadas. Ainda fascinados, foram entregues ao chefe dos pálidos com o pedido que mantivesse os “vendidos” em isolamento até que Tuba-nharõ e os carregadores estivessem distantes.

E nem demorou muito, pois, a comitiva retornou à taba tão logo foram entregues os brindes e o capacete de ferro. Na hora da saída, as duas cunhataís tentaram acompanhar os três. Porém, os então donos delas só as deixariam partir se recebessem o dobro do que pagaram por elas.

Aos poucos e progressivamente, Tuba-nharõ e os seus ajudantes desenvolviam mais habilidades de disfarçar, enganar e iludir. Observando, dialogando e aprimorando as estratégias, se organizavam para dominar os dois grupos de parceiros: os pálidos e os aborígenes.

Assim organizados, iam vendendo elementos tribais e adquirindo adornos, ferramentas e utensílios daquela gente pálida. Se, por um lado, a

ação comercial promovia uma depuração masculina pela venda de homens imprestáveis, por outro, reduzia drasticamente o número de moças na aldeia. Entretanto, a escassez de cunhataís inviabilizava casamentos de jovens guerreiros de outras tribos e não os da tribo de Tuba-nharõ, pois, os jovens que queriam casar deveriam roubar uma mulher de outra aldeia que não tivesse parentesco com eles.

A aldeia lucrava também com a exportação de periquitos, papagaios, micos, pedras coloridas, cocares e de arcos e flechas feitas de forma precária e sem utilidade para caçar ou para guerrear: serviriam apenas como enfeites. E toda tribo se regozijava com as quinquilharias que recebiam dos pálidos na troca por coisas simples para eles e fáceis de conseguir.

Durante muitas luas, os mercadores pisotearam as praias e as encostas entre Ararerunguay e o Grande Lago, levando e trazendo novidades que agradavam os clientes de lá e os clientes de cá. Saciadas as curiosidades e as necessidades de ambos os lados, Tuba-nharõ quis comprar uma espada de ferro. Na aldeia e em todas as aldeias da região, os selvícolas usavam arcos, flechas e lanças para caçar e para guerrear. Jamais tinham visto uma ‘kyxe’ (faca) tão comprida e com fio tão cortante. Com uma ‘kyxe guaxu’, Tuba-nharõ teria ainda mais poder na aldeia e, durante as viagens, poderia se defender dos amigos e dos inimigos.

O chefe pálido exigiu, como pagamento, três guerreiros jovens e fortes, bem diferentes dos inúteis

que havia recebido até então e que pouco rendiam nos mercados das minas gerais. Tuba-nharõ se viu numa enrascada: se iludisse três guerreiros de sua tribo, o cacique ficaria revoltado, se iludisse os pálidos, poderia pôr fim à sua brilhante saga.

Conversando com os carregadores, Tuba-nharõ encontrou uma forma de conseguir três guerreiros sem enfrentar o cacique da aldeia: sequestrar anciões da tribo inimiga e exigir como resgate que entregassem três guerreiros jovens e fortes. E, na primeira vez, a estratégia funcionou. Só na primeira vez...

Porém, encontraram outra alternativa: convencer os guerreiros da tribo deles a capturarem inimigos em troca de canivetes, de cordas e de favores. Logo, Tuba-nharõ percebeu que os guerreiros da sua tribo sequestrariam os inimigos pelo simples prazer de guerrear, nem exigiam pagamento.

Foram muitos os cambalachos, os incidentes e as vantagens conquistadas. Porém, essa fase também passou e teriam de inventar outro modo de ‘vender guerreiros’ aos pálidos. Para carijós, guaranis, caingangues e xoclangs, a guerra (joe opU’Ã) era a principal atividade e a melhor diversão. Assim, bastava incentivar disputas e teria prisioneiros para negociar com os pálidos, que os revendiam como escravos aos poderosos das minas gerais.

Também havia tribos em lugares distantes, como os Tapes ao Sul, que viviam na região de muitas lagoas, e os Charruas, que dominavam os campos

depois das altas montanhas da Serra Geral, onde só crescia capim. Jogando umas contra as outras, Tuba-nharõ angariava prisioneiros para trocar por armas, enfeites e panos. Parecia que os pálidos precisavam cada vez mais de homens para arrancar pedras do chão. Por outro lado, raramente se via um ‘nhande va’e’ ou ‘ponge va’e’ caçando nas florestas da região. E as cunhataís envelheciam esperando que algum raro kunumi que ainda não tivesse sido pego pela ganância dos traficantes.

De tanto vender guerreiros, restou apenas o grupo de capangas dele e o cacique acabou dependendo desse bando de aventureiros para defender a aldeia. O cacique reclamou da dizimação da tribo até o dia em que Tuba-nharõ percebeu isso e relegou o chefe a tujauvixa, a uvixajeko, a uvixaembiguai, a um ex-cacique. Com um riso debochado, ouvia as lamúrias e fazia o que queria; mandava em todos.

Com toda essa arrogância, desconhecia limites. Perdeu o senso de realidade; vendeu toda tribo, inclusive o cacique. E, nesse dia, na aldeia de madeira, garganteou bravatas, se ‘considerou o máximo’.

Dias depois, recebeu o convite do chefe pálido para uma grande festa; deveria levar todos que sobraram na tribo, iriam comemorar a valentia do Tuba-nharõ. Nem precisava especificar que deveria levar todos, pois, só restavam os cupinchas que andavam com ele o tempo todo.

No dia marcado, Tuba-nharô se cobriu de adornos que ‘comprara’ dos pálidos, pendurou a espada de ferro a tiracolo, reuniu o bando e foram ao Grande Lago em alegre caravana.

Foram recebidos com tiros de pólvora seca e muita algazarra. Estavam todos eufóricos. Logo, foram servidas cachaças temperadas, licores e vinhos. Beberam com avidez, sem prestar atenção num detalhe: os pálidos colocavam essas ‘delícias’ só nas canecas dos convidados, enquanto eles bebiam apenas água.

Aos poucos, o cheiro de carne assada se espalhou pelas margens do Grande Lago. Da cozinha, chegavam outros odores anunciando comida farta. O apetite provocado pela fome e acrescido da certeza de que comeriam durante três dias fez com que bebessem ainda mais. Em consequência, estavam tão embriagados que mal conseguiram mastigar os primeiros bocados e caíram no chão, completamente indefesos.

Os pálidos retiraram deles todas as armas e todos os adornos, deixando apenas alguns trapos que, de tão sujos, pra nada serviam. A seguir, amarram as mãos deles nas costas, com cordas fortes e bem atadas. Finalmente, arrastaram e amarram um ao outro, formando um ‘rosário humano’, que, depois do porre, foi conduzido à força para o barco que os levaria para o Norte, onde seriam vendidos como escravos.